



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Ana Paula Fidalgo Rodrigues

**Agressividade em crianças – um estudo em contexto pré-escolar**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Ana Paula Fidalgo Rodrigues

## **Agressividade em crianças – um estudo em contexto pré-escolar**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança  
Área de Especialização em Educação Física e Lazer

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira  
Leite de Oliveira Pereira**

Agosto de 2010

# DECLARAÇÃO

**Nome:** ANA PAULA FIDALGO RODRIGUES

**Endereço Electrónico:** anapaula\_rodrigues5@hotmail.com

**Telemóvel:** 963169775

**Nº do Bilhete de Identidade:** 12119958

**Título da Tese de Mestrado:**

Agressividade em crianças – um estudo em contexto pré-escolar

**Orientadora:**

Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira

**Ano de conclusão:** 2010

**Designação do Mestrado:**

Mestrado em Estudos da Criança, Área de Especialização em Educação Física e Lazer

**É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.**

**Universidade do Minho, 2010**

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desta tarefa para finalizar uma etapa da minha formação académica, não teria sido possível sem a colaboração e o incentivo daqueles que me privilegiam com a sua amizade e respeito. Sei que toda a amizade e toda a dedicação e incentivo não se reduzem às poucas linhas que lhes dedico, contudo, gostaria de salientar:

- A Professora Doutora Beatriz Pereira, minha orientadora, pela disponibilidade, pelas palavras de incentivo que nunca faltaram e pela competente orientação dispensada a este trabalho.

- Os colegas de Mestrado, não podendo deixar de realçar a Carma, o Tony e principalmente a Ana Cristina, pelo companheirismo, o apoio e estímulo nos momentos mais difíceis, sobretudo quando o desânimo se instalava. Obrigado “*Um caminho nunca é longo demais, quando um amigo nos acompanha*”.

- Os Presidentes dos Conselhos Executivos, professores, educadores, animadoras e principalmente a todas as crianças que participaram neste estudo.

- Os meus pais, que acreditaram sempre na conclusão desta tarefa e por isso em “mim”, que sempre me apoiaram e animaram nos momentos de desânimo, obrigada.

- O Bruno, pelas horas, ... pela paciência, pelo entusiasmo que sempre me transmitias dessa tua forma especial. Obrigada

- A D. Isabel, da secretaria da Universidade do Minho, pela paciência e pelo competente trabalho.

A todos o meu sincero OBRIGADA.

## **RESUMO**

Autor: Ana Paula Fidalgo Rodrigues

Título: Agressividade em crianças: um estudo em contexto pré-escolar.

Data: Maio 2009

Palavras – Chave: Bullying, agressividade, educação pré-escolar, recreios escolares, jogos de luta e lutas a sério.

Orientação: Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira.

Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, área de especialização em Educação Física e Lazer. Universidade do Minho, Instituto de Educação.

Nos últimos anos, tem-se vindo a verificar um interesse público nas questões relativas ao bullying na escola, sendo os recreios, espaços de desenvolvimento das crianças, que representam uma parte importante do dia escolar, torna-se urgente dedicar mais atenção ao que ocorre nestes mesmos espaços.

Apesar de muito ser dito em termos do 1ºCiclo, pouco se tem vindo a estudar acerca do que ocorre em contexto pré-escolar. Este estudo tem como objectivo, verificar se ocorrem comportamentos agressivos durante as actividades nos espaços de recreio, desenvolvidas no pré-escolar. Tem ainda a finalidade de verificar, se o espaço de recreio (com equipamentos fixos, sem equipamentos e com equipamentos móveis), o género e as dimensões exercem influência nos comportamentos agressivos.

Para a recolha de dados, num primeiro estudo, foram utilizados questionários a educadores e entrevistas às crianças, através dos quais obtivemos a amostra para um segundo estudo. Neste segundo estudo, as crianças foram filmadas em três parques distintos, em sessões de 20 minutos, depois estas sessões foram analisadas de forma a verificar se existiram comportamentos agressivos.

O estudo foi realizado na aldeia de Montalvo, com uma amostra constituída por trinta e duas crianças entre os três e os cinco anos, no estudo inicial. Após o estudo inicial, seleccionamos dez crianças no segundo estudo, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos para serem observadas no recreio.

Considerando os resultados obtidos, podemos concluir que o recreio é o espaço onde há maior predominância do bullying. Concluímos ainda, que o género e o tipo de espaço influenciam a prática do bullying, contudo relativamente às dimensões do espaço não podemos verificar se influência ou não, pois o factor que influência é o tipo de brincadeira e não as dimensões dos espaços.

## **ABSTRACT**

Author: Ana Paula Fidalgo Rodrigues

Title: Aggressiveness on children: a study in the pre-school context

Date: May 2009

Key-words: Bullying, aggressiveness, preschool education, school playgrounds, fighting games and real fights

Supervisor: Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira.

Master thesis in Children Studies - Physical Education and Leisure.

University of Minho, Children Studies' Institute.

In the last years, a public interest has increased in issues related to bullying at school. In fact, the playgrounds represent an important part of the school day, considered as a space for children's development. So, it becomes essential to dedicate more attention to what happens in the playgrounds.

Actually, not much has been said in what occurs in the pre-school context, in opposition to the primary school level.

This study aims to determine whether aggressive behavior occurs during the activities in preschool playgrounds. It also aims to verify if the playground (with fixed equipment, without equipment, with mobile equipment), gender and size influence aggressive behavior.

In a first study questionnaires were made to educators and interviews on children, for data collection. The obtained information was used for a second study. In this second study, children were videotaped in three different playgrounds in 20 minute sessions. After this, the sessions were analyzed in order to verify whether there were aggressive behaviors.

This study was done in the village of Montalvo, in the initial study with a sample of thirty-two children (3 to 5 year old). Afterwards, for the second study we selected ten children (aged 4 to 5) to the observation on the playground.

According to the obtained results, we conclude that the playground is the space where there is a higher prevalence of bullying. We also conclude that gender and type of space influence the bullying. However in what concerns the size of the space, it is not proved that the size of the space influences, because the main factor that influences is the kind of games.

## ÍNDICE GERAL

DECLARAÇÃO .....	ii
AGRADECIMENTOS .....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
LISTA DE QUADROS .....	viii
LISTA DE GRÁFICOS .....	viii
LISTA DE ANEXOS .....	ix
INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I – REVISÃO DA LITERATURA	
CAPÍTULO I – BULLYING NA ESCOLA	
1. Bullying.....	4
1.1 Brincar .....	9
1.2 Lutas a brincar e lutas a sério .....	10
CAPÍTULO II – RECREIOS ESCOLARES E ESPAÇOS LÚDICOS	
2. Recreios Escolares .....	13
2.1 Supervisão .....	18
3. Parques Infantis .....	20
3.1 Importância dos materiais nos recreios escolares .....	21
PARTE II – OBJECTIVOS DO ESTUDO E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	
4. Objectivo Geral .....	24
4.1 Objectivos Específicos .....	24
5. Metodologia da Investigação .....	25
5.1 Caracterização do Meio .....	25
5.2 Caracterização dos locais / Parques Infantis em estudo .....	26
5.2.1 Parque 1 – Parque da Junta de Freguesia de Montalvo – Jardim 25 de Abril .....	27
5.2.2 Parque 2 – Parque do Jardim de Infância de Montalvo sem equipamentos .....	29
5.2.3 Parque 2 – Parque do Jardim de Infância de Montalvo com equipamentos .....	30
5.3 Variáveis em Estudo .....	31

5.4 Amostra .....	31
5.5 Organização do Estudo .....	33
5.6 Codificação dos dados .....	35
5.7 Categorias do Estudo .....	35
<b>PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	
ESTUDO I - Descrição dos resultados dos questionários às educadoras e às entrevistas das crianças .....	41
ESTUDO II – Análise do comportamento das crianças nos diferentes parques infantis.....	46
1. Parque Infantil sem equipamentos e pequenas dimensões .....	46
2. Parque Infantil com equipamentos fixos e de grandes dimensões .....	48
3. Parque Infantil com equipamentos móveis e pequenas dimensões .....	50
4. Análise global dos comportamentos agressivos para os três parques estudados .....	54
CONCLUSÕES .....	60
RECOMENDAÇÕES GERAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS .....	73

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formas de Agressão .....	8
Quadro 2 – Características de Jogo de Luta e Lutas a sério .....	12
Quadro 3 – Caracterização de cada um dos parques do estudo .....	31
Quadro 4 – Amostra Inicial .....	32
Quadro 5 – Amostra Final .....	33
Quadro 6 – Nº total de vezes que cada criança foi mencionada como agressora .....	43
Quadro 7 – Nº total de vezes que cada criança foi mencionada como vítima .....	43
Quadro 8 – Nº total de vezes que cada criança foi mencionada como observadora/apoiante .....	44
Quadro 9 – Amostra final .....	45
Quadro 10 – Tipo de vitimação segundo o parque .....	55
Quadro 11 – Comparação do nº de episódios de vitimação e de agressão nos diferentes parques, quanto ao género.....	58
Quadro 12 - Comparação do nº de episódios de vitimação e de agressão no total dos diferentes parques, quanto ao género .....	59

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Número de vezes que se observam comportamentos agressivos no Parque do Jardim de Infância sem equipamentos móveis.....	46
<b>Gráfico 2</b> – Número de vezes que se observam comportamentos agressivos no Parque 25 de Abril.....	48
<b>Gráfico 3</b> – Número de vezes que se observam comportamentos agressivos no Parque do Jardim de Infância com equipamentos móveis.....	52
<b>Gráfico 4</b> – Análise dos comportamentos agressivos nos três parques estudados.....	54

## LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Ficha de levantamento sobre os Parques Infantis .....	74
Anexo 2 – Carta a pedir autorização ao Agrupamento de Escolas de Constância .....	78
Anexo 3 - Carta a pedir autorização ao Coordenador do Jardim de Infância .....	79
Anexo 4 – Autorização para os pais / Reunião de Pais .....	80
Anexo 5 – Questionário Teacher Nomination Questionnaire .....	81
Anexo 6 – Guião das entrevistas das crianças .....	84
Anexo 7 – Grelha de registo de minuto a minuto .....	86
Anexo 8 – Respostas aos Questionários realizados às educadoras .....	87
Anexo 9 – Resultados das Entrevistas realizadas às crianças .....	88
Anexo 10 – Episódios agressivos observados em cada sessão e em cada um dos diferentes parques .....	89

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o bullying tem recebido muita atenção, todavia não é um problema novo, as suas vítimas são um fenómeno de todos os tempos, os pequenos agressores, crescem e tornam-se adultos abusivos, as crianças vítimas ficam magoadas, o bullying transforma-se em violência, pelo que actualmente estamos conscientes de que o bullying é um problema sério.

O tempo para a expressão livre da criança e o acesso ao jogo/brincadeira, estão cada vez mais reduzidos, devido ao aumento da carga horária, surgindo o recreio escolar como um dos poucos tempos em que as crianças podem brincar livremente.

Nos últimos anos, o interesse pela compreensão do relacionamento da criança com o seu ambiente tem aumentado, por ser um local onde as crianças passam grande parte do seu tempo e por serem um espaço onde se desenvolvem muitas habilidades intelectuais, físicas e sociais.

*“As crianças passam uma parte importante do dia no recreio onde escolhem livremente os colegas de brincadeiras e as actividades a realizar”* (Pereira, 2008:37). Por vezes, não nos apercebemos do poder educativo destes espaços que na maior parte das vezes se encontram desvalorizados, sendo convidativos à existência de comportamentos agressivos (bullying) entre crianças (Pereira, Neto e Smith, 1997).

A escola torna-se um dos principais focos destas pesquisas, tendo-se vindo a verificar um interesse público nas questões relativas à agressividade, sendo de salientar trabalhos como os de Pelegrianni (1995), Blatchford (1998), Pereira (2001 e 2008) e Lopes (2006), sobre o recreio e a sua importância no desenvolvimento da criança.

Muito se tem vindo a estudar relativamente ao 1º Ciclo, contudo pouco de tem averiguado acerca do que ocorre em contexto pré-escolar. Na sequência desta preocupação surge este estudo, dada a importância que as características físicas do espaço de recreio podem ter nos comportamentos das crianças que ocupam esse espaço. Como as crianças que constituem a amostra deste estudo, são crianças de reduzida faixa etária iremos definir para este estudo o bullying como: a acção da criança produzindo dano ou desconforto a outrem.

Os objectivos do estudo, são verificar se ocorrem comportamentos agressivos durante as actividades nos espaços de recreio, desenvolvidas em contexto pré-escolar. Caso estes se verifiquem, pretendemos perceber se o espaço de recreio (com

equipamentos fixos, móveis ou sem equipamentos), o género e as dimensões dos parques (espaços de recreio), exercem influência nos comportamentos agressivos.

Este trabalho compreende seis partes, estruturadas da seguinte forma:

Na primeira parte, **Revisão da Literatura**, é efectuado o enquadramento do objecto de estudo (bullying e espaços de recreio), no sentido de conhecer o que já foi feito dentro desta linha de pensamento.

Na segunda parte apresentamos os **Objectivos e Hipóteses do Estudo** onde são especificados os objectivos pretendidos com a problemática em estudo, e a **Metodologia** onde apresentamos as condições da realização, observação e registo dos dados e descrevem-se os métodos e técnicas a usar: definição das variáveis, caracterização da amostra, instrumentos para recolha e princípios de procedimentos adoptados.

Na terceira parte **Apresentação e Análise e Discussão dos Resultados**, apresentamos os resultados verificados nos diferentes estudos o I e o II.

Na quarta parte as **Conclusões**, comparamos os diferentes resultados dos diferentes parques. Apresentamos ainda as recomendações, e as **Referências Bibliográficas**.

## **PARTE I – REVISÃO DE LITERATURA**

## **CAPÍTULO I – BULLYING NA ESCOLA**

### **1. Bullying**

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança (artigo 31º), a criança tem o direito ao repouso, lazer, jogo e actividades recreativas apropriadas para a idade e a sua participação livre na vida cultural e artística.

A violência na escola é um problema que afecta de forma séria a crianças, os professores, os encarregados de educação, os pais e a comunidade em geral (Pereira e Pinto, 2001).

O fenómeno bullying em contexto escolar tem sido alvo de crescente interesse e profícua investigação e análise por parte de algumas áreas do saber, não se tratando de um fenómeno novo, é contudo uma problemática relativamente recente enquanto objecto de estudo científico, sendo actualmente uma área de produção científica privilegiada.

Segundo Sharp & Smith (1994), o bullying é um abuso sistemático do poder. É uma forma de comportamento agressivo, entre pares, normalmente maldosa, deliberada e continuada.

Uma característica marcante dentro deste fenómeno é o desnível de poder entre o agressor e a vítima. Olweus (1993) refere que o agressor tem sempre mais poder que a vítima, a qual é incapaz de se defender perante estas circunstâncias. O bullying é um tipo de violência específico que se desenvolve entre pares e se define com características próprias, que são a continuidade no tempo e o abuso de poder que acentua a diferença entre o mais forte e o mais fraco.

O bullying caracteriza-se pela exposição de um aluno ou grupo, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas por parte de um ou mais alunos (Olweus, 1993).

Pereira (2008) refere que a agressividade é identificada pela intencionalidade de magoar alguém que é alvo da prática agressiva.

Smith e Morita (1999), consideram que o bullying é uma subcategoria do comportamento agressivo, mas de um tipo danoso, pois é dirigido inúmeras vezes a uma vítima que é incapaz de se defender.

Haverá sempre relações de força nos grupos sociais, mas pode haver abuso de poder. A noção exacta de abuso depende do contexto social e cultural, mas está presente no comportamento humano.

Citando Figueira (2002), “*os agressores têm tendências a desencadear, agravar e perpetuar situações em que as vítimas estejam numa posição indefesa*”.

São várias as formas de agressão ameaçar, chamar nomes, insultar, espalhar histórias humilhantes para causar mal-estar ou prejudicar o colega, bater, empurrar, dar pontapés, rasteirar, provocar estragos, destruir algo do colega, roubar, mentir, levantar falsos testemunhos, excluir, ignorar o colega e não o respeitar (Pereira, 1999).

Estes comportamentos agressivos têm efeitos negativos sobre as próprias crianças (vítimas e agressores) e sobre as crianças que observam estas práticas (observadores passivos), sentindo-se muitas vezes incapazes de ajudar o que provoca um sentimento de incapacidade e mal-estar, gerando-lhes sofrimento.

Os agressores causam o mal-estar nas crianças, que vitimam. Os colegas que presenciam as ocorrências de agressão também são afectados, ao sentirem dificuldades em intervir, logo toda a escola é globalmente afectada (Pereira, 2001).

Segundo Pereira e Pinto (1999), as características do agressor são: a) mais vezes do sexo masculino do que do sexo feminino; b) a intenção de magoar; c) a satisfação quando causa mal; d) não apresenta sentimento de culpa, é provocador; e) vem muitas vezes de um meio familiar violento e f) não tem empatia pelo outro. Citando os mesmos autores, os sintomas de vitimação de casos sérios manifestam-se a) em dores de cabeça persistentes; b) na recusa em ir à escola, justificando com desculpas sucessivas; c) na expressão de tristeza; d) saídas frequentes mais cedo da aula, no último tempo; e) no decréscimo do rendimento escolar e f) na perda de peso.

Observa-se na esmagadora maioria das investigações, uma correlação positiva entre a vitimização e a manifestação de sintomas físicos de saúde (dores de cabeça, de barriga, sentimento de solidão, depressão, ansiedade, ...), ao passo que os alunos agressores se encontram significativamente associados a comportamentos anti-sociais (violência, delinquência, consumo de substâncias, ...) (Seixas, 2009).

O bullying tem efeitos imediatos e a longo prazo na escola daí Pereira (1999) referir que a longo prazo há estudos que apontam para as dificuldades experienciadas pelas crianças vítimas na vida adulta, como manifestações de insegurança e dificuldade em se protegerem a si próprias e aos outros. Enquanto muitas das crianças agressoras, entram na marginalidade, apresentando comportamentos desviantes ou perturbações de conduta que se vão agravando ao longo dos anos.

O bullying como referem vários autores (Smith & Sharp, 1994; Smith & Morita, 1999; Olweus, 2000; Pereira, 2002) engloba práticas essencialmente do tipo:

- **Directo e físico**, que engloba bater ou ameaçar fazê-lo, empurrar, pontapear, rasteirar, extorquir dinheiro;

- **Directo e verbal**, que inclui insultar no que diz respeito à forma de vestir, à raça ou ao corpo, ameaçar, amedrontar, “chatear” constantemente o colega;

- **Indirecto**, que engloba situações como excluir alguém do grupo, ameaçar a perda da amizade, espalhar rumores, contar histórias sobre o colega para que outras crianças não lhe falem e não brinquem mais com ele ou ela.

Estudos têm confirmado que a agressão entre pares é muito mais frequente nos recreios do que em outros espaços da escola como: os corredores, as cantinas, as salas de aula, casas-de-banho, ida ou vinda para a escola (Pereira, 2005).

Um estudo realizado por Neto (1995), com 751 crianças do 5º e 6º ano (9-16 anos) de ambos os sexos, veio confirmar que maioritariamente os comportamentos anti-sociais ocorrem nos recreios (56%), seguido de corredores e escadas (19%), sala de aula (31%) e outros locais (12%).

Num estudo desenvolvido com uma amostra de 200 alunos em escolas públicas das áreas urbanas e rurais no norte de Portugal (Pereira; Almeida; Valente, & Mendonça, 1996), constatou-se que 21% dos alunos referiram já ter sido agredidos por colegas e 18% afirma já ter tido um comportamento agressivo, tendo a maior parte das situações ocorrido no recreio.

Olweus (1993) estudou alunos de escolas primárias e secundárias e verificou que 9% de estudantes são vitimados e 7% agressores. No Reino Unido, Whitney & Smith (1993) referem que nas escolas primárias a frequência de vítimas é de 27% e de agressão de 12%. Em Itália, Fonzi, Genta, Menesini, Bacchini, Bonino & Costabile (1999) descobriram que nas escolas primárias do centro do país, 17,5% dos estudantes eram vítimas e 10% agressores. Em Espanha, Ortega e Ângulo (1998) estudaram oito centros educativos de Andaluzia e concluíram que 22% dos alunos eram vítimas e 27% agressores de outros.

Existem vários factores que influenciam a prática do bullying. Sendo consensual entre a esmagadora maioria das investigações empíricas sobre o fenómeno bullying, a existência de uma diferença significativa entre comportamentos de bullying manifestados pelos rapazes (fundamentalmente directos e físicos), comparativamente aos comportamentos de bullying manifestados pelas raparigas (fundamentalmente indirectos e relacionais) (Seixas, 2009).

Ao longo dos anos, a agressão tem sido considerada, de um modo geral, como um fenómeno tipicamente masculino, pelo facto de serem manifestações de comportamento agressivo mais visíveis e/ou mais graves, designadamente os comportamentos físicos. Como refere Seixas (2009), nas primeiras investigações as raparigas foram largamente ignoradas, pois os seus comportamentos não se equiparavam com a visão tradicional de bullying que realça os comportamentos agressivos directos, usualmente associados ao género masculino.

Crick e Grotpeter (1995), realizaram um estudo onde verificaram uma desigualdade significativa ao nível do **género**, constataram que o grupo de alunos agressores directos se compunha maioritariamente por rapazes (15,6% versus 0,4% de raparigas), enquanto o grupo de alunos agressores relacionais era maioritariamente composto por raparigas (17,4% versus 2,0% de rapazes), o que, somando separadamente, revela uma percentagem semelhante de envolvimento em comportamentos de bullying.

Crick, Casas e Ku (1999), num estudo sobre vitimização física e relacional realizado a uma amostra de crianças em idade pré-escolar, observou que as raparigas já eram significativamente mais vitimizadas relacionalmente do que os rapazes, enquanto os rapazes eram significativamente mais vitimizados fisicamente do que as raparigas, apesar de ser uma amostra de crianças com os níveis de desenvolvimento verbal e social ainda precários.

Outro estudo realizado por Salmivalli et al (1997), sobre os diferentes papéis desempenhados pelos alunos em situações de bullying, verificou-se que os rapazes desempenhavam mais frequentemente o papel de agressor, bem como o de auxiliar e de reforço de agressor, ao passo que os papéis mais frequentemente desempenhados pelas raparigas se referiam a defensoras das vítimas e de observadoras externas. As diferenças verificaram-se mais acentuadas nos papéis de defensor de vítima (30,1% de raparigas versus 4,5% de rapazes), de observadores externos (40,2% de raparigas versus 7,3% de rapazes) e de reforço do agressor (37,3% de rapazes versus 1,7% de raparigas).

Semelhante tendência para um maior envolvimento dos rapazes em situações de bullying, foi igualmente observada noutros trabalhos, Pereira e Pinto (1999); Garcia e Perez (1989); Whitney e Smith (1993) e O'Moore, Kirkham e Smith (1997). Em concordância com os resultados anteriores, Pereira et al (2002), estudaram o bullying nas escolas portuguesas e referem que os rapazes se envolvem mais nos problemas de bullying do que as raparigas, são mais vítimas e sobretudo mais agressores.

Num estudo com uma amostra representativa, realizado por Carvalhosa, Lima & Matos (2001), foram estudados comportamentos de bullying de alunos do 2º e 3º ciclos, verificando-se que os rapazes **mais novos** e de **anos de escolaridade mais baixa**, estão mais envolvidos em bullying, sendo os agressores, crianças afastadas das famílias, enquanto as vítimas revelam afastamento em relação à escola.

Outro factor que pode influenciar a prática do bullying é a **densidade populacional**, Pereira (1997), refere que a densidade populacional nos recreios é outro factor importante que poderá estar associado a uma maior agressividade.

A **disponibilidade** ou **quantidade de brinquedos** é outro factor ambiente que influencia as interacções infantis. Analisando o brincar e associando-o à quantidade de brinquedos disponíveis Smith e Connolly (1980), verificaram que quanto menor era o número de brinquedos mais as crianças discutiam ou permaneciam em actividades paralelas. Por outro lado, quando a quantidade de objectos era muito grande, elas acabavam a brincar sozinhas.

Para a realização deste estudo consideramos bullying, a acção da criança produzindo dano ou desconforto a outrem, devido á reduzida faixa etária da amostra.

Teremos em conta as formas de agressão de Pereira e Pinto (1999), como refere a seguinte tabela:

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>- Ameaçar</li><li>- Chamar nomes, insultar</li><li>- Espalhar histórias humilhantes, para causar mal-estar ou prejudicar o colega</li><li>- Bater, empurrar, dar pontapés, rasteirar</li><li>- Provocar estragos, destruir algo do colega</li><li>- Roubar</li><li>- Mentir, levantar falsos testemunhos</li><li>- Excluir, ignorar o colega</li><li>- Não respeitar o colega</li></ul> |
|---|

Quadro 1 – Formas de Agressão

Bjorkqvist, Lagerspetz & Kaukiainen (1992) distinguiram as práticas agressivas em três formas fundamentais de agressão:

- a) Agressão directa física (bater, empurrar, dar pontapés, etc ...)
- b) Agressão directa verbal (insultos, chamar nomes, tratar o outro sem respeito, “gozar”, etc ...)
- c) Agressão indirecta (espalhar rumores, persuadir o outro a não brincar com um colega, dizer mal de outrem, etc ...).

## 1.1 Brincar

Quando brinca, a criança brinca voluntariamente, pode não criar nada e não visa um resultado final (Huizinga, 2000).

O que importa é o processo em si de brincar em que a criança se impõe, quando brinca não está preocupada com a aquisição de conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade mental ou física.

Kishimoto (2003), refere que quando brinca a criança distancia-se da vida quotidiana, entrando no mundo imaginário. Embora esta questão não tenha sido muito aprofundada, ela merece especial atenção, pois é dada relevância no que diz respeito ao papel do jogo e da sua importância na construção da representação mental da realidade.

A Convenção Internacional dos Direitos da Criança (artigo 31º), consagra o direito da criança ao jogo, como refere Pereira (2008), o jogo tem consigo o poder de mudar a escola, sendo através deste que a criança se socializa, aprende as normas e a noção de limites.

Se entendermos as crianças como uma unidade subjectiva, o direito ao jogo e à brincadeira que lhes assiste é de igual importância quando se trata de defender os direitos da mesma, visto que mesmo quando uma criança tem as suas necessidades básicas garantidas (alimento, casa e agasalho), se não tiver tempos e espaços para jogar espontaneamente e livremente, o seu crescimento integral vê-se comprometido.

Relativamente aos tipos de jogo Berger e Thompson (1996) categorizaram o jogo que pode ser observado em idade pré-escolar, como sendo um jogo **sensório-motor** que captura os prazeres de usar os sentidos e habilidades motoras, como sendo um **jogo violento, de lutas**, que inclui lutas e bater uns nos outros, imitando a agressão; como **jogo de perícia** que conduz ao domínio de novas habilidades e o jogo como

sendo **sociodramático**, no qual as crianças dramatizam vários papéis e temas em histórias da sua própria criação.

Num estudo referido por Kishimoto (2001), com crianças do pré-escolar (3 aos 5 anos) divididas em três grupos e submetidas ao problema: retirar um giz de dentro de uma caixa sem sair do lugar, usando palitos, cordas e ganchos, os três grupos obtiveram resultados diferentes.

O primeiro grupo brincou com os materiais antes da experiência, o segundo recebeu uma demonstração de como se juntam cordas com ganchos e o terceiro recebeu instruções sobre o material e o que deveria fazer. Verificou-se que o grupo um, que brincou com o material, resolveu o problema de forma mais competente que os outros, por não estarem tensos, sem medo de fracassar e aceitarem sugestões.

*“A utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento e acção. Para ser capaz de falar com o mundo a criança precisa saber brincar com ele com a mesma desenvoltura que caracteriza a acção lúdica”* (Kishimoto, 2001: 148). Assim outro dos benefícios presentes no acto de brincar, relaciona-se com o contributo para a aprendizagem da linguagem.

## **1.2 Lutas a brincar e lutas a sério**

Quando se fala em lutas, devemos ter presente que existem lutas a brincar e lutas a sério. Os jogos de luta e perseguição, ou jogos de contacto corporal intenso ocupam cerca de 10% do tempo das crianças em situação de jogo livre (Humpreys & Smith, 1987).

Recentemente, este tipo de comportamento tem merecido uma maior atenção em termos de investigação, está hoje bem claro que os jogos de luta, embora semelhantes à luta a sério, podem distinguir-se destes últimos em muitos aspectos.

A luta a sério e a luta a brincar são por vezes confundidas, visto que os componentes do comportamento como lutar, prender, bater ou imobilizar são iguais do ponto de vista descritivo, sendo confundida por supervisores do espaço (Smith, 2003).

São vários os estudos que provam ser possível esta distinção, Smith e Lewis (1985), prepararam um vídeo de quatro episódios de luta a sério, intercalados com dezasseis episódios de luta a brincar. Este vídeo, foi apresentado a oito crianças em idade pré-escolar com quatro anos, sendo-lhes perguntado se cada episódio era luta a

sério ou a brincar e como conseguiam distinguir entre as duas formas de luta. Seis crianças, mostraram uma consistência considerável nos julgamentos, algumas foram incapazes de dar razões mas, quando o conseguiam fazer, referiam-se usualmente às características físicas da acção

*“Portanto, a maioria dos episódios de luta a brincar podem ser claramente distinguidos dos de luta a sério, quer por observadores adultos treinados, quer por crianças.”* (Smith, 1997:26).

Jogo de luta ou luta a brincar, é um jogo de actividade física com dimensões sociais (Pelegrianni & Blatchford, 2000), a que Neto (2001) chama *“jogo de luta ou perseguição”*. É um jogo com grande vigor físico no qual existe contacto físico mas o conflito é imaginário, são jogos de caça e de boxe/luta durante os quais se observam choques, perseguições e fugas e tentativas de bater no outro, sendo estes comportamentos observáveis nos jogos de tipo *“apanhada”*, *“polícias e ladrões”*, *“super-heróis”*, etc. Neto (2001), salienta o seu significado biológico e social de grande importância no desenvolvimento de rituais de passagem.

Segundo Marques et al (2001) Luta agressiva ou luta a sério acontece quando o contacto físico é voluntário e intencional, isto é, os alunos procuram castigar-se mutuamente. Através de estudos anteriores verifica-se que estas lutas acontecem nas escolas com menos frequência do que as lutas a brincar, são lutas que provocam mau estar entre os alunos envolvidos e que por vezes afectam o funcionamento normal da escola.

Para distinguir jogo de luta de luta a sério (ver quadro 2) entre crianças na escola têm sido utilizadas várias dimensões de análise: comportamento, afectividade, consequências, estrutura ou papel, nº de alunos e observadores (Humphreys, 1987, p.201; Boulton, 1994, p.54; Smith & Boulton, 1990, p.272, 276; e Pellegrini, 1995, p.100; Smith, 1997, p.23; Pelegrianni & Blatchford, 2000, p.53; Smith et al., 2003, p.220; Pelegrianni, 2004, p. 438; Fry, 2005).

<u>Dimensões</u>	<u>Jogo de luta</u>	<u>Lutas a sério</u>
<b>Comportamento</b>	Conjunto de movimentos vigorosos (bater, caçar, ...), sem contactos, ou efeitos com mãos abertas.	Conjunto de movimentos vigorosos com contacto físico voluntário e intencional
<b>Afectividade</b>	Positivo, rostos sorridentes, descontraídos, boca aberta (face de jogo)	Negativo, rostos contraídos, boca fechada (dentes cerrados)
<b>Consequências</b>	Continuam amigos após a luta	Separam-se após a luta
<b>Estrutura ou papel</b>	Recíproca, as crianças alternam os papéis de caçador e vítima	Não há alternância de papéis
<b>Nº de Alunos</b>	Podem envolver vários alunos em simultâneo	Quase sempre são lutas entre dois alunos
<b>Observadores</b>	Raramente têm observadores, não despertam curiosidade	Atraem um elevado número de observadores

*Quadro 2 – Características de Jogo de Luta e Lutas a sério.*

## **CAPÍTULO II – RECREIOS ESCOLARES E ESPAÇOS LÚDICOS**

### **2. RECREIOS ESCOLARES**

O recreio é uma palavra derivada de recrear, significando divertimento, prazer. Ainda faz referência ao lugar ou período destinados a se recrear, como um espaço nas escolas ou intervalo livre entre aulas. Recrear vem de latim (recreare), indica a possibilidade de proporcionar recreio, de divertir, causar alegria, prazer ou brincar”.

A palavra recreio em Portugal apresenta dupla valência: tempo e espaço. Muitas vezes é usada para identificar um espaço de actividade livre, onde a criança pode correr, saltar, jogar, lanchar, conversar e outras vezes é usada como tempo, período de paragem das actividades curriculares, ou seja o tempo que medeia entre duas aulas para o qual também usamos a designação de “intervalo”.

O espaço enquanto meio físico é experiência comum a todos os seres vivos. O seu significado é dado pela presença de um corpo que nele se movimenta criando a interdependência dinâmica espaço/tempo. Blatchford (1998), define tempo de recreio como um espaço ou período no qual as crianças se conhecem, jogam e brincam e interagem entre si, de forma livre e espontânea, sendo ainda, um ambiente potencial de desenvolvimento e enriquecedor de aprendizagens infantis (Bowers & Gabbard, 2000).

Durante todo o processo de desenvolvimento do indivíduo, ele caminha para a conquista do espaço, que pode significar a sua autonomia, através das suas relações entre espaço/corpo/tempo. Quanto maior a diversidade de espaços e objectos que o indivíduo manipula mais favorecido estará o seu próprio conhecimento e domínio corporal.

Estes espaços têm imensa importância no desenvolvimento integral das crianças, devendo garantir o direito a brincar e mais concretamente, o direito de brincar em segurança, contribuindo para a promoção de uma verdadeira cultura de valorização da Infância (Pereira, 2005).

Assim estudos da relação entre a criança e o espaço tornam-se muito importantes porque valorizam os interesses da criança que usa o local, favorecendo um maior conhecimento das relações que essas estabelecem entre si. Neste tipo de investigação o recreio escolar costuma ser um dos principais focos de estudo já que nele as crianças passam grande parte do seu tempo activo, vivenciando, importantes momentos da sua vida desenvolvendo as suas primeiras habilidades sociais e intelectuais.

Pelegrianni e Smith (1993) definem o recreio escolar como um período de mudança no qual as crianças estão ao ar livre, onde as experiências proporcionadas têm um papel preponderante ao nível da aquisição de competências sociais.

Segundo Pereira (2002) o recreio é uma espécie de pequeno mundo com regras próprias onde a relação de poder assume novos contornos e onde professores e alunos assumem novos papéis, sendo espaços fundamentais para as crianças, pois é neste que grande parte das experiências acontecem, resultando na aquisição de competências sociais. É neste espaço que ocorrem os diversos processos de socialização, jogo e aprendizagem, e é possível o contacto com os pares, escolhendo amigos, jogos e actividades sem haver lugar à intervenção dos adultos (Marques et al, 2001).

Considerando o recreio como espaço produzido pelo adulto, para a acção das crianças, Pereira, Neto e Smith (1997), afirmam que a natureza do recreio não está direccionada e por isso perde-se a sua identidade e o sentido desse contexto. São inúmeras as vezes que não nos apercebemos do poder educativo destes espaços que na maior parte das vezes se encontram desvalorizados, fazendo com que o seu estado de degradação seja convidativo para a existência de comportamentos agressivos (bullying) entre crianças.

Os recreios são normalmente vistos pelas crianças como locais para medir forças e estabelecer relações de poder (Pereira, Neto e Smith, 1997).

Assim *“o estudo da violência bullying na escola tem por objectivo, por um lado, o diagnóstico e compreensão do problema e, por outro lado, a procura de soluções concentradas da comunidade educativa, visando a prevenção e redução da violência”* (Pereira, 2001:18)

Pereira, Neto e Smith, 1997 referem e aprofundam os vários passos e decisões a ter em conta para a prevenção do “bullying”:

a) **Melhoramento dos recreios escolares exteriores** (preservar os espaços significativos para as crianças; criar novos espaços; preservar os espaços verdes; diversificação dos espaços; criação de “laboratórios naturais”; colocação de equipamentos; etc);

b) **Criação de espaços interiores de recreio** (biblioteca; ludoteca; teatroteca; atelier de música; atelier de trabalhos manuais; construção e aquisição de material diverso;

c) **Aquisição de material lúdico-desportivo;**

- d) **Criação de actividades de tempos livres na escola;**
- e) **Gestão e dinamização dos espaços e equipamentos;**
- f) **Criação de clubes na escola** em colaboração com os clubes locais ou associações recreativas ou culturais.

Com estas estratégias prevê-se uma maior motivação e participação dos alunos nas actividades escolares, diminuindo assim a probabilidade de se aborrecerem e recorrerem a formas de agressão ou destruição do património escolar.

Assistimos a uma mudança de estilos de vida activos, incorporados naturalmente nas rotinas de vida das crianças, para estilos de vida sedentários (Pereira, 2002).

Para muitas crianças o tempo de recreio na escola é único, sob o aspecto da liberdade de escolha de seus pares e das actividades que deseja realizar, sem interferência directa do adulto, tal como a importância como opção de brincar e conviver com outras crianças, diferentemente da ocupação do seu tempo livre em casa, onde muitas vezes a única hipótese é a televisão ou a playstation.

Como é referido anteriormente entre as mudanças sociais observadas nos últimos anos, o aumento dos hábitos sedentários, o crescente envolvimento electrónico, as rotinas de vida excessivamente planeadas e rígidas, aliadas às restrições de espaço para brincar na rua, consolidam-se como principais factores restritivos às actividades de jogo livre das crianças. A insegurança das cidades e vilas, a vida das famílias não permitem que as crianças usufruam de espaços como a rua e o parque de jogos tornando-se o recreio o seu substituto mais seguro.

Na convivência com os outros durante o recreio, a criança antecipa papéis sociais que realizará na vida adulta. Assim, o interesse no estudo das áreas livres das escolas tem crescido em todo o mundo, sendo a qualidade de vida das crianças associada à existência de pátios escolares amplos e diversificados. A maior atenção a esses espaços provavelmente deve-se à gradativa diminuição das áreas para brincadeira tanto nas residências das famílias, quanto na cidade, devido ao adensamento da área urbana e ao crescimento da criminalidade e do tráfego de veículos nas ruas, de modo que a presença das áreas livres, com riqueza de estímulos e possibilidades de realização de múltiplas actividades, tem assumido cada vez maior importância na delimitação dos ambientes destinados à educação infantil. Um pátio escolar atractivo e bem organizado pode facilitar o desenvolvimento social, cultural e intelectual.

A falta de independência da criança em relação ao seu espaço físico leva ao empobrecimento da sua cultura lúdica, o que faz com muitas delas apresentem dificuldades adaptativas.

O desaparecimento desses espaços conduz a um ajustamento de regras torna-se urgente a criação e aumento dos espaços lúdicos e seus equipamentos, pois é importante para o desenvolvimento e enriquecimento das capacidades da criança.

Há casos em que o insucesso está directamente ligado à falta de experiências corporais que os parques infantis ou outros espaços de jogo poderiam proporcionar à criança. As crianças têm dificuldades em aprender a ler, porque distinguem mal a direita da esquerda, não têm consciência bastante clara do seu corpo, situam-se e orientam-se mal no seu espaço (Cunha, 1999).

A necessidade da criança de movimento e socialização deveria influenciar as escolas a repensarem numa nova distribuição do tempo de trabalho em relação ao tempo de recreio, embora no pré-escolar esta diferença ainda não seja muito notória. Quanto menores as crianças, maior a sua necessidade de mover-se, brincar e relaxar após períodos de exigência de concentração, para então haver uma facilitação na retoma das suas tarefas escolares.

Segundo a Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997) que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até aos seis anos de idade, nos seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a acção da família e da comunidade.

Em idade pré-escolar a criança passa grande parte do seu tempo no recreio escolar o qual ocorre maioritariamente em parques infantis.

Segundo Pereira (2002) o recreio escolar é um espaço que garante o direito da criança a brincar, é um espaço onde o jogo espontâneo e a actividade física podem ser encorajados. É entendido como o tempo livre na escola, que ao ser apropriado pela criança é transformado em jogo, em actividade prazerosa, isto é em tempo e conteúdo de lazer.

Os recreios escolares podem contribuir para a criação de estilos de vida activos e também podem constituir espaços de socialização e de comportamentos assertivos, evitando e prevenindo os comportamentos agressivos entre pares (bullying) que não permitem que os direitos democráticos de cada criança sejam respeitados na escola.

Pereira, Neto, Smith e Ângulo (2002), num estudo que lança um novo olhar sobre os espaços de recreio escolares para prevenir a violência entre pares, apontam para a diversificação dos espaços e o acesso a equipamentos móveis, nomeadamente a criação de áreas desportivas lúdicas, convívio e contacto com a natureza.

Pereira (2002), descreve o recreio como um espaço físico com equipamentos lúdicos ou desportivos, com determinada disposição espacial, com áreas ajardinadas, árvores e barreiras, que visam separar o espaço da escola do espaço exterior, mas o certo é que esta realidade do que deveria ser o espaço de recreio, não se verifica em muitas das escolas e jardins de infância. Ao invés de espaços cuidados, com ofertas diversificadas de equipamentos lúdicos e desportivos, com várias valências, temos espaços exíguos e pouco cuidados.

Apesar dos espaços de recreio proporcionarem a socialização e a prática de comportamentos assertivos, a investigação levada a cabo por Whitney & Smith (1993), mostra-nos que nas 24 escolas estudadas no âmbito do projecto de Sheffield UK, o recreio, foi o local onde ocorreram práticas de vitimação e de agressão com mais frequência, especialmente nas escolas primárias.

A razão pela qual grande parte do bullying ocorre no recreio ainda não é muito clara, contudo factores de contexto, organizacionais e internos parecem estar associados. Como refere Pereira, Neto e Smith (1997) esses factores estão associados às: restrições nos recreio, conseqüente aborrecimento dos alunos, à falta de diversificação da oferta, ausência de supervisão, superlotação dos recreios resultantes de factores organizacionais, dificuldades de gestão do tempo e a ausência de competências sociais que facilitem o jogo, como a cooperação, o conhecimento e a aceitação de regras.

Sabemos que quando comparados vários locais da escola, é no recreio que estes problemas assumem maior gravidade.

No recreio as crianças jogam sobretudo futebol, observam o jogo, conversam e passeiam, estas crianças não têm quase nada para fazer. A ausência de apoio na organização do jogo, em contextos pobres, e com crianças pequenas, não favorece a actividade lúdica.

Os locais escolares referidos onde a violência ocorre com mais frequência são os recreios, eventualmente porque são estes os espaços da escola onde a supervisão é inexistente ou reduzida e também porque são espaços vazios que oferecem poucas oportunidades de jogo espontâneo ou jogo mais organizado (Pereira e Pinto, 2001).

## 2.1 Supervisão

Uma das razões que poderá estar na base da ocorrência de bullying nas escolas pode ser a ineficaz supervisão dos recreios escolares.

Verifica-se que é no recreio que ocorre grande parte dos maus-tratos entre pares. O “bullying” parece estar relacionado com o modo como estão dispostos os espaços dos recreios que provocam o aborrecimento dos alunos, a falta de diversidade de jogos e ausência de supervisão. Segundo Pereira (2001) os locais onde a violência ocorre com mais frequência são os recreios, eventualmente porque são estes os espaços da escola onde a supervisão é inexistente ou reduzida e também porque são espaços vazios que oferecem poucas oportunidades de jogo espontâneo ou jogo mais organizado.

A supervisão dos recreios das escolas portuguesas apresenta números díspares em relação à realidade europeia, tendo no primeiro ciclo, um rácio 100:1 contrastando com 50:1 das escolas inglesas. A supervisão nas escolas portuguesas cabe aos professores e aos auxiliares de acção educativa (Pereira, 2002).

Como o bullying tende a ser um problema estável, é crucial que uma intervenção seja eficazmente efectuada. Para isso é preciso desenvolver nas crianças a noção de problema, a vontade de reportar incidentes e uma maior segurança em saber que ajuda e apoio estão por perto.

Concluiu-se, que sendo o recreio um espaço importantíssimo para o desenvolvimento do aluno, este deve ser transformado em zona de qualidade de actividades lúdicas e de aprendizagens. Alguns aspectos a ter em conta para esse aproveitamento são:

- 1) Uma equipa responsável pelo estudo dos problemas dos recreios e suas melhorias;
- 2) As melhorias devem proporcionar acesso a vários espaços;
- 3) Permissão do uso equipamentos móveis (Jogo);
- 4) Conservação das áreas verdes, para manter o contacto com a natureza;
- 5) Decoração e manutenção da limpeza nos recreios;
- 6) Supervisão dos recreios, principalmente nas escolas primárias e esta deve ser de qualidade;
- 7) As escolas devem “oferecer” actividades desportivas e culturais aos alunos interessados;

8) Cada escola deve realizar um projecto individual de acordo com as necessidades reais e que potenciam os espaços.

Ao longo do seu percurso de vida escolar, agressores e vítimas têm em comum a escola e um espaço de recreio normalmente vazio, desinteressante e sem supervisão (Marques, Neto e Pereira, 2001). Segundo os mesmos autores num recreio vazio, 70% dos alunos foi alvo de agressão, num recreio com supervisão 50% foi agredida, num recreio com equipamentos móveis 30% e num recreio com equipamentos e supervisão 28%, pelo que podemos concluir que o ideal é que num recreio exista equipamentos e supervisão uma vez que o bullying diminui.

No sentido de prevenir o bullying, deverá ser implementada nas escolas a supervisão, apesar de esta medida isolada poder não ser suficiente.

Os supervisores devem apoiar as crianças que não sabem brincar com os outros ajudando na sua integração nos grupos e acompanhando as crianças que ficam sozinhas no recreio evitando o seu isolamento” (Marques, Neto e Pereira 2001).

O recreio é um dos poucos lugares onde uma supervisão não intrusiva permite à criança exercitar os seus direitos democráticos (Pereira, 2002). Um recreio requalificado não só poderá ser um momento de festa como também previne e reduz o nível de agressividade entre pares (bullying).

Concluindo e como refere Marques et al (2001), os supervisores no recreio com materiais evitam a solidão de alguns alunos que ficam sozinhos, ajudam à organização de grupos para os jogos e evitam o despontar de conflitos. O supervisor activo é precioso nas situações de conflito, de aprendizagem e de organização de jogos e brincadeiras.

Neto, Pereira e Smith (2003), referem que o estabelecimento de relações de cordialidade entre os supervisores e os alunos poderá ser uma excelente medida para a redução dos níveis de agressividade entre crianças, pois muitas delas apresentam reservas em dizer aos adultos que foram agredidas. A harmonia entre os supervisores e os estudantes resultará numa maior apetência para as crianças comunicarem quando forem vítimas de práticas agressivas.

### 3. *PARQUES INFANTIS*

O espaço nunca nos é indiferente na medida em que condiciona gestos diários, habitua a nossa visão, estimula elementos simbólicos, estabelece referências sociais.

Será considerado positivo se o usuário perceber o seu significado e o usar como instrumento da sua acção intencional. Será negativo se o usuário insatisfeito com a precariedade do espaço apresentar comportamentos agressivos ou permanecer passivo confundido com ele.

A noção de parque infantil integra-se na definição de espaço de jogo e recreio, que de acordo com a legislação, é qualquer área destinada à actividade lúdica das crianças delimitada física ou funcionalmente, em que a actividade motora assume especial relevância. (Decreto-Lei nº 379/97 de 27 de Dezembro).

Equipamento de espaço de jogo e recreio são materiais e estruturas, incluindo componentes e elementos construtivos, destinados a espaços de jogo e recreio, com os quais as crianças possam brincar ao ar livre ou em espaços fechados, individualmente ou em grupo (Decreto-Lei nº 379/97 de 27 de Dezembro).

Os parques infantis constituem um espaço comunitário acessível a todos, podendo contribuir para que a criança crie hábitos de vida activos, ao ar livre (Pereira, 2005), com reflexos sobre a saúde dos cidadãos, logo constituem-se espaços que criam rotinas de vida saudáveis, que reduzem o sedentarismo da criança.

São vários os aspectos a ter em conta quando falamos em parques infantis como por exemplo o tamanho, a quantidade, o tipo de brinquedos existentes, a localização, a acessibilidade.

Relativamente ao tamanho segundo Moore (1986), a partir de estudos realizados em centros de cuidado de crianças nos Estados Unidos e Canadá, existem três tipos de pátios: mínimo (7,5m<sup>2</sup>/criança), recomendado (10m<sup>2</sup>/criança) e generoso (20m<sup>2</sup>/criança).

Em Portugal, foi publicado em 27 de Dezembro de 1997, o Decreto-Lei nº 379, que regulamenta os espaços lúdicos para a criança e as condições de segurança a contemplar no que se refere à localização, concepção, construção e organização dos espaços de jogo e recreio, realçando as questões relativas ao equipamento e superfícies de impacto, criando para tal um sistema de inspecções e sanções adequadas.

Segundo Pereira (1997), os equipamentos devem ser seguros, mas devem conter um certo risco para serem atractivos. Há seis indicadores: confronto com o espaço

natural; imprevisibilidade do meio; risco de aventura corporal; a liberdade de escolha das práticas desportivas de acordo com o seu tempo individual e as próprias regras de acção; o desenvolvimento de uma cultura específica de grupos de amigos e a criação de modas e hábitos quotidianos.

### ***3.1 IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS NOS RECREIOS ESCOLARES:***

Como refere Ferreira e Pereira (2001) um ponto característico dos recreios escolares é a falta da estrutura dos espaços que é suposto servirem para várias actividades lúdicas, mas que na realidade, são bons recursos apenas para poucos.

Inevitavelmente ocorrem práticas de agressividade, nomeadamente o abuso de poder, os insultos e as lutas, quando as crianças têm de competir pelo espaço e fracos recursos.

É durante este processo que a criança faz as suas aquisições que se tornam mais rápidas se acontecerem em contextos lúdicos enriquecidos.

É nos recreios onde ocorre mais comumente os comportamentos de “bullying”, que parecem estar associados a vários factores, tais como: restrições, falta de diversidade de actividades, ausência de supervisão, superlotação, falta de regras e aceitação destas, etc. São referidos vários casos, contados pelos alunos, sobre a falta de qualidade dos recreios e do tempo passado neles. As crianças que mais sofrem o efeito “bullying”, são aquelas que apresentam maiores diferenças em relação aos colegas, com menor auto-estima e falta de domínio de competências sociais.

A construção de brinquedos tradicionais e os jogos promovem as relações intergeracionais (avós, pais e filhos). A promoção da saúde é necessária nas escolas, os brinquedos e os materiais servem para ajudar a aumentar a actividade física. As crianças aprendem a partir do ambiente, aprendem com os outros. A escolha dos brinquedos para os recreios escolares não deve ser de material frágil, porque podem partir-se se as crianças não os segurarem cuidadosamente.

Os materiais estão relacionados com a actividade física pois estes promovem actividades como correr, caminhar, saltar ... Algumas crianças gostam de gastar parte do seu tempo livre a manusear pequenos brinquedos proporcionando o desenvolvimento de habilidades motoras muito específicas.

O fornecimento de materiais para o tempo de recreio encoraja a participação de todas as crianças individualmente, em pequeno ou grande grupo, favorecendo o desenvolvimento de sentimentos de autoconfiança, auto-estima e ajuda (Ferreira e

Pereira, 2001). Desenvolve, também, o espírito de equipa e cooperação, partilha, o sentido de responsabilidade, a capacidade de compreensão e a aceitação de regras.

Sendo assim, fornecer materiais às crianças para o tempo de recreio canaliza potenciais de energia através do jogo, promovendo comportamentos de interacção que desenvolvem a capacidade de encetar e manter relações interpessoais.

Segundo Ferreira e Pereira (2001), num estudo realizado com um grupo composto por crianças do jardim-de-infância (25) e da escola primária (65) do distrito de Braga, sem qualquer tipo de intervenção, ou seja sem equipamentos, o nível de vitimação e agressão é mais elevado. Após a implementação da intervenção que corresponde ao colocar de equipamentos no recreio tais como bolas, elásticos, cordas individuais/grupo e arcos pode-se constatar que o nível de vitimação diminuiu de 49% (antes da intervenção), para 39% (após intervenção), tal como diminuiu também o nível de agressão de 35% (antes da intervenção), para 21% (após a intervenção) (Ferreira e Pereira, 2001).

Estes resultados, permitem concluir que o desenvolvimento de intervenções deste género, tendo em conta a faixa etária, o contexto e o grupo de sujeitos a que se destinam, podem assumir efeitos positivos.

Igualmente, Marques et al (2001), realizaram um estudo onde concluíram que a introdução de materiais não provocou mais situações de conflito e de risco, pelo contrário, fez com que os alunos se unissem em torno de objectivos comuns, jogos e brincadeiras, permitiu a ocupação daqueles que nada conseguiam fazer no espaço vazio e sem estímulos.

**PARTE II – OBJECTIVOS DO ESTUDO E METODOLOGIA DA  
INVESTIGAÇÃO**

#### **4. OBJECTIVO GERAL:**

Este estudo descritivo, visa compreender o comportamento das crianças relacionado com o tipo de espaços, ou seja pretende-se verificar se ocorrem comportamentos agressivos relacionados com as características do espaço (Parque do JI sem equipamentos; com equipamentos e parque 25 Abril com equipamentos fixos e de maiores dimensões) desenvolvidas numa escola do ensino pré-escolar.

#### **4.1 OBJECTIVOS ESPECÍFICOS:**

1. Verificar se existe ocorrência de bullying.
2. Identificar os tipos de comportamentos agressivos e as suas formas de expressão;
3. Verificar a existência de bullying e se a sua prevalência está associada a um espaço com características próprias (Parque JI sem equipamentos, com equipamentos e Parque 25 de Abril (com equipamentos fixos)).
4. Verificar se existem diferenças na prática de comportamentos agressivos, relativamente às dimensões dos diferentes parques, um de 214m<sup>2</sup> (Parque 2 do Jardim de Infância) e outro de 2480m<sup>2</sup> (Parque 1 da Junta de Freguesia).
5. Verificar se existem diferenças na prática de comportamentos agressivos, em relação ao género masculino e feminino.

## **5. Metodologia da Investigação**

### **5.1. Caracterização do Meio:**

Montalvo é uma aldeia, pertencente à freguesia de Montalvo, concelho de Constância, distrito de Santarém. Situa-se a 3Km da Vila de Constância, fazendo fronteira com o concelho de Abrantes.

É uma aldeia com características de povoamento concentrado, situado perto de uma zona industrial que tem vindo a crescer devido a boas acessibilidades e à existência de indústrias e serviços que aumentam a oferta de emprego. De acordo com os censos de 2001 a população de Montalvo é de 1081 HM.

A maior parte da população é operária fabril ou trabalha em serviços, como por exemplo, empresas públicas e privadas, exército e forças de segurança.

De modo geral e nomeadamente os pais das crianças do jardim têm três níveis de escolaridade que oscilam entre 42% que terminaram o ensino secundário, 31% que ficaram apenas com o ensino primário, 19% com o ensino preparatório e apenas 8% que atingiu outros níveis de ensino.

Aparentemente e de forma geral a população tem uma vida económica minimamente estável, o que não garante a inexistência de algumas famílias com carências económicas.

O jardim de infância situa-se na Rua Annes de Oliveira nº 5 e 7, 2250-227 nome da família que doou o solar, a capela de S. João Baptista e a propriedade rústica que as irmãs Clarissas transformaram em Mosteiro de Nossa Senhora da Boa Esperança em 1980, curiosamente é hoje o único espaço conventual com vida em todo o Ribatejo. Tal como a capela de S. João Baptista também a igreja matriz foi construída no século XVIII, sendo esta devotada a Nossa Senhora da Assunção.

Para além dos importantes edifícios religiosos existe também um grande valor Patrimonial que é a existência de uma antiga cidade romana, a cidade da Escora, que se acredita estar subterrada em terras desta freguesia. Em 1996 foi criada a associação que se dedicou a escavações e fez algumas descobertas. Tem por nome “Escora” e a sua sede funciona no edifício do Jardim de Infância.

Para além destes monumentos físicos podemos contar ainda com a existência dos seguintes recursos: Escola de 1º Ciclo do Ensino Básico, Junta de freguesia, Centro de tempos livres, Casa do povo, extensão de saúde, Cruz vermelha portuguesa, dois

parques de diversões com equipamento adequado às crianças, um deles objecto deste estudo, cafés, lojas, restaurantes, uma agência bancária, duas papelarias, uma banda filarmónica, entre outros.

O Jardim de Infância de Montalvo pertence à rede pública do Ministério da Educação, faz parte do Agrupamento de Escolas de Constância, dependendo hierarquicamente da Direcção Regional de Educação de Lisboa, Ministérios da Educação.

O Jardim de Infância divide-se por dois edifícios distintos: o primeiro é um edifício antigo de R/C e 1º andar. O R/C divide-se por uma sala de actividades, a sala 1, dois halls de entrada, uma cozinha, duas dispensas, uma casa de banho de adultos e uma casa de banho adequada às crianças, a entrada do edifício tem um telheiro coberto. No 1º andar tem um sótão e duas pequenas salas que servem de sede da Associação “Escora”.

O segundo edifício é de construção recente e é composto por uma sala de actividades, a sala 2, três halls de entrada, uma casa de banho de adultos, uma casa de banho adequada às crianças e também a entrada do edifício tem um telheiro coberto.

O espaço exterior está todo limitado por paredes, muros altos e dois portões, tem um pátio cimentado com duas laranjeiras e uma oliveira e duas arrecadações nas quais se guardam a lenha e os brinquedos de exterior, tem um pequeno jardim com flores e um espaço de areia, este parque será mais adiante caracterizado pormenorizadamente, visto se tratar do segundo parque objecto deste estudo.

## **5.2 Caracterização dos locais / Parques Infantis em Estudo**

A escolha das observações realizadas no recreio, deve-se ao facto de como já foi referido na revisão de literatura este ser dos espaços mais referidos como os locais onde ocorre maior número de comportamentos agressivos.

No caso específico deste estudo, a recolha de dados irá ser realizada em dois parques distintos: o parque 25 de Abril da Junta de Freguesia de Montalvo, aberto à comunidade, para onde são levadas as crianças nos seus recreios, e o parque do Jardim de Infância de Montalvo, pertencente à Câmara Municipal de Constância, que apenas se encontra disponível para as crianças a frequentar o ensino pré-escolar e em horário lectivo (9h00m às 12h00m e das 13h30m às 15h30m). Neste segundo parque, serão

realizadas duas observações distintas, uma com o parque como ele se encontra, sem qualquer tipo de equipamentos e outra no mesmo parque mas com vários brinquedos (bolas, andas, arcos,...) que aí foram colocados pela educadora.

As informações relativamente aos parques em estudo foram recolhidas através do preenchimento de fichas de levantamento dos dados (anexo1), utilizadas por Pereira (2005), no Estudo Do Desporto ao Lazer. Oferta de Espaços Lúdicos, Desportivos, culturais e Verdes no Norte de Portugal e através de observações directas do investigador com o intuito de complementar o conhecimento adquirido, não sendo contudo observações estruturadas.

### 5.2.1 Parque 1 – Parque da Junta de Freguesia de Montalvo – Jardim 25 Abril



*Legenda: Parque 1*

Este parque é um parque situado numa zona rural, longe de zonas ambientalmente degradadas. Denomina-se Jardim 25 Abril e o tipo de espaço é jardim - espaço verde, sendo o seu proprietário e órgão de gestão a Junta de Freguesia de Montalvo. A sua área total é de 2480m<sup>2</sup>, e os principais utilizadores são escolas e associações, sendo o período de utilização predominante: o sazonal e o fim-de-semana. O parque é acessível a todos os utentes, excepto utentes que se desloquem em cadeiras de rodas, pois o facto de o piso ser areia dificulta a deslocação de um utente que apresente mobilidade condicionada. Contudo, apesar de ser um parque aberto à

comunidade, pouca ou nenhuma presença de outras crianças se verifica durante o horário escolar. Em termos de acessibilidade aos meios de socorro e salvamento, possui duas entradas: uma por escadas e outra por rampa. É um parque inserido na rede de circulação de peões da área urbanizada, contudo não se encontra sinalizado por qualquer tipo de identificação de parque infantil, nem de informação com a entidade responsável, número primeiros socorros, etc. O acesso a este espaço não é afastado da zona de circulação e encontramos um parque de estacionamento a dez metros do acesso ao parque, contudo é uma zona onde a velocidade dos veículos é limitada a valores reduzidos e está bem rodeado por passadeiras pedonais. Este acesso é realizado predominantemente a pé, de automóvel, ciclomotores e transportes públicos.

Este parque não possui zonas de abrigo contra intempéries, contudo é um parque que se situa junto a edifícios habitacionais.

Relativamente à protecção é um espaço que possui vedação de rede e cimento a toda a volta evitando a entrada de animais, e os actos de vandalismo pois permite a perfeita visualização do que ocorre no seu interior.

Está devidamente equipado com iluminação pública, wc's, bancos, caixotes do lixo e possui um bebedouro, contudo este não se encontra em funcionamento, não está equipado com telefone de uso público, mas possui este equipamento nas suas mediações.

Relativamente à segurança dos materiais estes são duráveis e de fácil manutenção, e não são utilizados materiais inflamáveis, nem que possam provocar alergias. As áreas não estão definidas encontrando-se apenas os equipamentos distribuídos pelo parque e todos rodeados por areia, contudo existe bastante espaço entre os equipamentos possibilitando uma boa mobilidade às crianças sem que haja risco de colisões entre as crianças que o utilizam.

Relativamente aos equipamentos são utilizados diferentes materiais: o ferro, a madeira e o sintético. O parque um possui um escorrega com uma ponte de madeira que dá acesso ao mesmo, é um escorrega no qual a velocidade de descida é razoavelmente reduzida no final da trajectória, as laterais do mesmo são mais elevadas de modo que a criança deslize no seu interior sem correr o risco de sair do escorrega enquanto desliza. Quanto ao desnível entre o escorrega e o exterior, este não acompanha o exterior, pelo que se ocorrer um caso em que uma criança por qualquer razão sai do escorrega, está sujeita a uma queda com alguma altitude.

Outro equipamento existente neste parque é os baloiços, em que os assentos são de um material tipo borracha, de forma a evitar lesões se um destes elementos atingir alguma criança. Quanto á localização, permite a apreensão do movimento pendular, mas não impede o seu acesso pela retaguarda. A entidade responsável cumpre os requisitos no que diz respeito à manutenção regular e periódica do espaço e do equipamento.

O parque 1 possui ainda uma teia de corda, um comboio, balancé, escadas de trepar e em todos eles como já foi referido a superfície de impacto é de areia.

Relativamente ao funcionamento, manutenção e segurança, não existe informação do nº de acidentes ocorridos, é um parque sem presença de animadores ou monitores, ou seja sem vigilância, que não possui livro de reclamações, nem seguro e responsabilidade civil.

### **5.2.2 Parque 2 – Parque do Jardim de Infância de Montalvo sem equipamentos.**



*Legenda: Parque 2*

Este parque é um parque situado numa zona rural, longe de zonas ambientalmente degradadas e de locais onde o ruído dificulta a comunicação. Denomina-se Adães Magalhães e o tipo de espaço é espaço de recreio escolar. O parque é acessível apenas às crianças que frequentam o jardim de infância e só durante o horário lectivo (9h00m às 12h00m e da 13h30m às 15h30m). Em termos de acessibilidade aos meios de socorro e salvamento, possui apenas uma entrada directa para o parque embora exista mais duas entradas que primeiro dão acesso às salas de aula e só depois ao parque infantil. É um parque sem qualquer iluminação artificial, possui uma zona de abrigo contra efeitos climáticos um pequeno alpendre, que pode acolher as crianças no exterior sem ser necessário recorrer às salas de aula. Relativamente à área

total, esta é de 214 m<sup>2</sup> sendo um parque mínimo quando aí se encontram trinta e quatro crianças.

Relativamente à protecção é um espaço envolto por paredes de cimento que não permitem a entrada de animais. Não possui qualquer tipo de equipamentos, é um parque que tem apenas três árvores, com pequenos muros de 10 cm de altura a delimitá-las que se tornam bastante perigosos para as crianças tal como o piso que é betão, o que vai contra o referido na legislação (Decreto-Lei 379/97 artigo 25º) que refere que “*não é permitida a utilização de superfícies de impacte constituídas por tijolo, pedra, betão, material betuminoso, macadame, madeira ou outro material rígido que impossibilite o amortecimento adequado do impacte*”.

O parque é apoiado por duas casas-de-banho, pertencentes ao jardim localizada uma na sala dos três anos e outra na sala dos cinco anos.

### **5.2.3 Parque 2 – Parque do Jardim de Infância de Montalvo com equipamentos móveis (brinquedos).**



*Legenda: Brinquedos colocados no parque 2.*

Este parque que me proponho estudar irei estudá-lo tal e qual como ele se apresenta sem qualquer tipo de equipamentos e brinquedos e iremos estudá-lo com brinquedos que se encontram no jardim numa arrumação, tais como: três bolas, seis bolas saltitonas, um triciclo, quatro carrinhos de mãos, três argolas e três cordas, ...

	<i>Parque 25 de Abril</i>	<i>Parque do Jardim de Infância sem equipamentos</i>	<i>Parque do Jardim de Infância com equipamentos</i>
<i>Piso</i>	Areia	Cimento	Cimento
<i>Área</i>	2480 m2	214 m2	214 m2
<i>Utilizadores</i>	Aberto a toda a população da aldeia de Montalvo	Apenas as crianças a frequentar o Jardim de Infância	Apenas as crianças a frequentar o Jardim de Infância
<i>Equipamentos existentes</i>	-Escorrega com ponte e escadas -Baloços -Teia de corda e escadas de trepar - Comboio - Balancé	Não existe qualquer tipo de equipamento	- 3 Bolas pequenas - 6 Bolas saltitonas - 1 Triciclo - 4 Carrinhos de mão - 3 Argolas - 3 Cordas - 1 Trotinete

*Quadro 3 – Caracterização de cada um dos parques.*

### **5.3 Variáveis do Estudo**

Para este estudo temos como variáveis dependentes os comportamentos agressivos (em recreios escolares em contexto pré-escolar) e como variáveis independentes: o tipo de espaço (com equipamentos fixos, sem qualquer tipo de equipamentos e espaço com brinquedos) o género e a dimensão do espaço.

### **5.4 Amostra**

Para a realização de um estudo é necessário seleccionar uma população, a população seleccionada foi constituída pelas crianças que frequentam o pré-escolar do Jardim de Infância de Montalvo, que frequentam o ensino público. Segundo Quivy & Campenhoudt (2005), a população é o conjunto de elementos constituintes de um todo.

A amostra “é um subconjunto de uma população ou de um grupo de sujeitos que fazem parte de uma mesma população” (Fortin, 1999:202).

No ano lectivo 2007/2008 em que foi realizada a recolha de dados, a instituição tinha 32 crianças a frequentar, estando divididas pelas duas salas de actividades, na sala 2 ficou um grupo de 15 crianças de três anos e na sala 1 ficou um grupo de 17 crianças de quatro e cinco anos. Sendo 13 do sexo feminino e 19 do sexo masculino.

É um grupo heterogéneo, num total de 7 crianças do sexo feminino, 8 do sexo masculino com 3 anos, 2 crianças do sexo feminino, 7 do sexo masculino com 4 anos de idade e 4 crianças do sexo feminino e 4 do sexo masculino com 5 anos de idade.

São crianças que se encontram em níveis bastante semelhantes de desenvolvimento e com ritmos semelhantes, consoante as diferentes faixas etárias. É de referir que é um grupo com diferentes saberes e experiências e com uma cultura familiar própria. Sendo oportuno realçar o facto de 16 das crianças já terem frequentado o J.I. e as outras 16 crianças frequentam-no pela primeira vez.

		Género	
		Feminino	Masculino
Idade	3	7	8
	4	2	7
	5	4	4
Amostra Total: 32 crianças			

*Quadro 4 - Amostra Inicial*

Após a realização do primeiro estudo onde foram analisados os questionários realizados às educadoras e as entrevistas às crianças, chegou-se à amostra final, ou seja às dez crianças mais mencionadas como vítimas, agressoras e resolutivas de conflitos/observadoras /Apoio.

A amostra final é constituída por dez crianças, seis com cinco anos, quatro do género masculino e duas do género feminino e por quatro com quatro anos, sendo três do género masculino e uma do género feminino, através das entrevistas e dos questionários nenhuma criança de três anos faz parte da amostra final.

		Género	
		Feminino	Masculino
Idade	4	1	3
	5	2	4
Amostra Total: 10 crianças			

*Quadro 5 – Amostra Final*

## 5.5 Organização do Estudo

Foi realizado um estudo de carácter descritivo que teve como objectivo, a análise global da realidade encontrada no recreio escolar deste Jardim de Infância.

Para a realização do mesmo, primeiro foi pedido através de cartas registadas ao Agrupamento de Escolas de Constância (ver anexo 2), do qual faz parte o Jardim de Infância de Montalvo e à coordenadora do jardim (ver anexo 3) permissão para a realização deste estudo. Após a ordem do agrupamento e da coordenadora do estabelecimento, foi realizada uma reunião no jardim de infância, no dia sete de Setembro de 2007, com os encarregados de educação de todas as crianças.

Nesta reunião a mestranda explicou quais os objectivos do estudo e elucidou os encarregados de educação sobre os métodos de trabalho a utilizar. Após a explicação, passou pelos encarregados de educação, uma folha (ver anexo 4), onde os mesmos que aprovavam as filmagens e as entrevistas, deveriam assinar. A aprovação foi de 100%.

Com as autorizações, foi pedido às educadoras (3) do jardim de infância de Montalvo, que nos respondessem ao Questionário Teacher Nomination Questionnaire (anexo 5) de Ângulo e Neto (2001), de forma a identificar na opinião destas, as crianças mais agressoras, mais vítimas e as mais observadoras/apoiantes de conflitos.

Após o retorno dos questionários, estes foram analisados. Contudo para ter uma informação mais fidedigna da realidade deste jardim de infância, realizaram-se entrevistas às crianças de quatro e cinco anos.

A entrevista é um acontecimento de palavra, em que uma pessoa A, extrai informação de uma pessoa B, informação que está contida na biografia de B (Labov e Fanshel, 1977).

Para a realização das entrevistas foi utilizado um guião (ver anexo 6), o qual surgiu adaptado do questionário de Nomeação de Pares, de Ângulo e Neto, 2001. As

entrevistas foram realizadas numa salinha de entrada do jardim de infância com uma criança de cada vez e foram gravadas pela mestranda num gravador Sony (Talk-book). Para iniciar as entrevistas foi explicado a cada criança que não existiriam sanções independentemente do que dissessem e depois foi-lhes pedido que respondessem às várias questões do guião.

Quando as entrevistas terminaram, foram transcritas, utilizando para isso o guião das respostas dadas pelas crianças e depois analisados os resultados.

Após a análise dos questionários e das entrevistas estes foram analisados conjuntamente de forma a chegar à amostra final (dez crianças) da amostra inicial (trinta e duas crianças) e deu-se neste momento concluído o primeiro estudo.

No segundo estudo as dez crianças, nas quais estão as mais mencionadas como agressoras, vítimas e observadoras/apoiantes de conflitos, foram observadas pela mestranda nos recreios escolares e filmadas.

Train (1977), enfatiza a importância da observação e descrição de como os indivíduos se comportam no seu quotidiano, pois é uma forma que permite compreender porque é que os indivíduos agem do modo como o fazem.

Inicialmente foram feitas algumas filmagens às crianças nos recreios escolares que não foram analisadas neste estudo, serviram apenas para as crianças se familiarizarem com a câmara. Relativamente à familiarização com o investigador/mestranda no local da recolha de dados, foi muito bem sucedida por parte das crianças, uma vez que é o local onde esta se encontra a trabalhar com as crianças.

As filmagens foram realizadas com uma câmara Sony Carl Zeiss DCR-DVD306E, em contexto de recreio e tiveram início em Abril de 2008 e terminaram em Junho de 2008.

Cada uma das dez crianças foi filmada nos três parques distintos (Parque Jardim de Infância com equipamentos e sem equipamentos e no Parque 25 de Abril), sendo de vinte minutos cada sessão em cada um dos parques, perfazendo um total de seiscentos minutos de gravações.

Com o término das filmagens, passou-se à análise das mesmas. Para tal, cada sessão de vinte minutos, em cada parque de cada uma das dez crianças foi observada e foram registadas as acções da criança objecto de estudo de minuto a minuto numa grelha criada para o efeito (ver anexo 7).

Ainda relativamente às filmagens, estas foram visionadas por outra educadora, não pertencente ao estabelecimento em estudo para que fosse verificado o nível de concordância, o qual foi de 97%.

Após a recolha de todos os dados, procedemos à identificação do que iria ser analisado, ou seja foi feita uma leitura e releitura do material e foram seleccionados os trechos em que ocorreram incidentes agressivos e estes foram analisados e discutidos de forma a chegar aos resultados e conclusões.

## **5.6 Codificação dos dados**

Para a apresentação dos resultados e de forma a preservar o anonimato das crianças objecto deste estudo, foram criados códigos para cada criança. Cada código é composto o início por duas letras, seguidas de um número e outra letra.

As duas primeiras letras fazem referência ao nome da criança, para uma mais fácil análise de resultados por parte do investigador. O número refere a idade que a criança tem, três, quatro ou cinco anos e a última letra faz referência ao género F de feminino e M de masculino.

## **5.7 Categorias do Estudo**

Com o término das filmagens, passou-se á análise das mesmas. Para tal, cada vídeo das dez crianças, foi observado pela mestranda e foram registadas as acções da criança de minuto em minuto em grelhas criadas para o efeito (ver anexo 7),

Depois os mesmos filmes foram visionados por outra educadora externa ao estabelecimento, para que fosse verificado o nível de concordância, o qual foi de 97%.

Quanto ao tipo de comportamento agressivo teremos por base as categorias de Magalhães e Otta (1995), pois pensamos serem as mais adequadas para esta faixa etária:

- **Agressão física:** quando a criança se comporta provocando desconforto, dor ou dano físico a outro. Incluem-se nesta categoria, comportamentos direccionados a alguém tais como: puxar (cabelo, braço, perna, roupas, ...), segurar, arranhar, apertar ou torcer, beliscar, bater com a mão ou com outra parte do corpo (dar estalada, dar pontapés, ...), disputar objectos e retirá-los, ou tentar retirá-los, bater com um objecto, lutar, atirar areia, ...

- **Agressão oral:** quando uma criança dirige insultos/chama nomes ou inventa histórias humilhantes e a criança-alvo reage mostrando insatisfação, logo não é a palavra em si, mas o efeito produzido na criança vítima dos insultos. Exemplificando uma criança ao dizer “Tu és chato”, só é considerado acto de agressão se a criança assim chamada, der sinal de tristeza/desconforto, como por exemplo “ficar com lágrimas nos olhos”.

- **Agressão gestual:** agressões não verbais e sem contactos físicos, mas que indicam que a criança ameaça a outra. Estão incluídas posturas ou gestos, como olhar desafiador, cuspir, atirar objecto a alguém (sem atingir), fazer gestos de luta, perseguir, mostrar a língua, ... De igual forma à agressão oral, só quando a criança que está a ser vítima destes actos se mostrar desconfortável com a situação, é que é, considerado um comportamento agressivo.

Após a observação das sessões foram criadas as seguintes categorias (Figura 1) para este estudo.

Assim, verificou-se que existem duas categorias observáveis, as **actividades lúdicas** e os **comportamentos agressivos**. Relativamente às **actividades lúdicas**, dividem-se em subcategorias: a **observação** que se define como olhar atentamente para, ver examinar... (ex: o estar parado a observar um amigo ou o observar animais como gafanhotos, aranhas e abelhas); o **conversar** com um ou mais amigos, ou seja falar com alguém, o **descansar, repousar, tranquilizar** (ex: o deitar-se ou sentar-se); o **faz-de-conta** que se define como o mundo da imaginação (ex: brincar com folhas de árvores fingindo ser ingredientes para a sopa, brincar aos “prisioneiros”, “ladrões”, “aos guardiões de castelos”, aos “bons e aos maus”, em que a criança grita e corre pelo parque dizendo tais coisas, ou o brincar às “lagartas”, dizendo serem lagartas ao mesmo tempo que rastejam pelo chão agarrados a bolas saltitonas, ou o brincar às “motas”, em que as crianças correm pelo parque imitando o som das motas e imitam com as mãos o acelerar destas e o brincar aos “médicos” em que se deitam e fingem tratar uns dos outros e ter dores).

Inserem-se ainda nesta categoria as categorias **jogos tradicionais / rodas cantadas**, como por ex: jogar à apanhada, às escondidas, jogos de mãos com palmas e

danças, e as *actividades de motricidade*, conjunto das faculdades e características psicofísicas associadas à capacidade de movimento no ser humano, nas quais se inserem comportamentos como jogar futebol, rastejar, saltar, andar de gatas, correr, andar, ...

Todas as subcategorias anteriores foram observadas em todos os parques e são apenas estas as específicas do Parque do Jardim de Infância sem equipamentos móveis.

Contudo, existem subcategorias específicas de cada parque, no Parque 25 de Abril e apenas neste para além das referidas anteriormente, pudemos observar a subcategoria *desenhos e construções na areia*, isto é delinear/traçar desenhos, na qual as crianças constroem montinhos de areia, fazem escavações, ou desenham com um pau na areia. Observou-se também a subcategoria *utilização de equipamentos fixos* que inclui a utilização do bebedouro que se encontra inactivo, a utilização do balancé, do escorrega, suas escadas, ponte e patamares, dos baloiços, da aranha e do comboio, é o servir-se de todos os equipamentos, tirar partido, tornar útil.

As actividades lúdicas características do Parque do Jardim de Infância com *equipamentos móveis* são a *utilização* dos mesmos, sendo ela o utilizar bolas/bolas saltitonas (ex: chutar, saltar, rebolar, ...), carrinhos de mão, argolas, andas, pás, baldes, o andar de triciclo e trotineta.

Relativamente aos **comportamentos agressivos**, subdividem-se em duas categorias os *conflitos* e a *agressão*. Após pesquisa num qualquer dicionário de Língua Portuguesa percebemos que conflitos são o estado de hesitação entre tendências ou impulsos antagónicos, é a luta entre dois poderes com interesses antagónicos, ou seja são confrontos de princípios ou leis que se contradizem mutuamente e impossibilitam a sua aplicação. Os conflitos surgem devido a interesses diferentes relativamente ao mesmo objecto ou situação. Agressão é o acto ou efeito de agredir, é um ataque violento, uma provocação e hostilidade.

Na subcategoria *conflitos*, incluem-se comportamentos como por exemplo a criança grita com a outra, mas acaba por resolver o problema, ou seja é o iniciar do conflito no qual não chega a existir agressão. É igualmente um conflito, o ex: das crianças discutirem ou afastarem-se por não aceitarem regras de jogos, contudo posteriormente têm a capacidade de conversar e de se entenderem resolvendo o conflito.

Na subcategoria **agressão**, incluem-se comportamentos agressivos, ou seja comportamentos que causam nas crianças vítimas dos mesmos, dano ou desconforto.

Esta subcategoria assume várias formas de expressão, tais como o empurrar/puxar, o agarrar bruscamente, o bater (ex: dar um belisco, pontapear, o bater na cabeça, o dar um murro/estalo/palmada, o dar uma joelhada e o bater com bolas ou carrinhos de mão nos amigos). Outra forma é a exclusão (ex: uma criança ser excluída de uma brincadeira devido ao género; ou uma criança falar para outra e esta fazer de conta que não a ouve e virar-lhe as costas), o chamar nomes/insultar (ex: chamar “mariquinhas” aos amigos), o gritar/discutir (ex: uma criança ao ser contrariada nas regras de um jogo, grita com o amigo zangado e diz-lhe bruscamente “*Não podes fazer isso!*”) e o atirar/danificar/tirar objectos (ex: as crianças zangadas danificam objectos dos amigos, como por exemplo agarraram no boné do amigo e atiram-no para o chão; ou atiram areia aos amigos (característica própria do parque 25 de Abril) ou atiram equipamentos móveis como bolas, carrinhos de mão e o arrancar/tirar os equipamentos móveis das mãos da outra criança, situações estas específicas do Parque de Jardim de Infância com equipamentos móveis).

Dado que o objectivo principal deste estudo é verificar se ocorrem comportamentos agressivos durante as actividades nos espaços de recreio, desenvolvidos no pré-escolar, vamos então debruçar-nos sobre este objectivo.

Tal como foi referido anteriormente, verificaram-se duas categorias as actividades lúdicas e os comportamentos agressivos com diferentes formas de expressão, contudo vamos apenas reflectir sobre estes comportamentos agressivos, pois é sobre estes que o estudo se refere, verificando a sua prevalência consoante os diferentes parques.



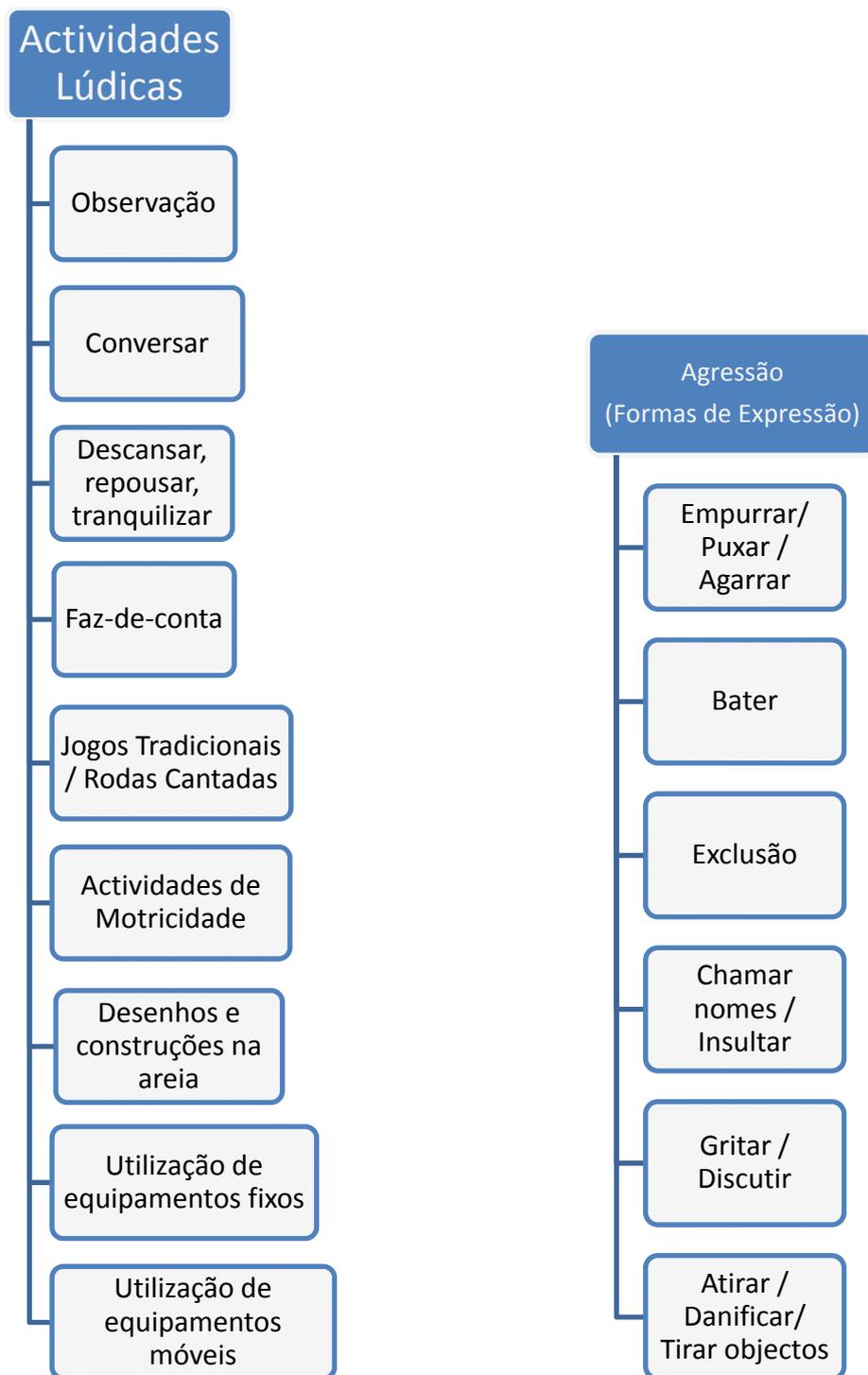


Figura 1 – Categorias do Estudo

**PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO  
DOS RESULTADOS**

**ESTUDO I – *DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DOS  
QUESTIONÁRIOS ÀS EDUCADORAS E ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS***

**ESTUDO II – *ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS NOS  
DIFERENTES PARQUES INFANTIS***

## ESTUDO I – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS ÀS EDUCADORAS E ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS

Tal como referido na metodologia para se chegar á amostra que iria ser filmada nos diferentes parques, foram aplicados questionários às educadoras e feitas entrevistas às crianças de quatro e cinco anos deste jardim, para desta forma chegarmos ás crianças mais mencionadas como vítimas, agressoras e observadores apoiantes.

Relativamente aos questionários aplicados (Teacher Nomination) às educadoras (ver anexo 5), primeiro foi analisada cada questão isoladamente, depois foram agrupadas as diferentes questões, surgindo três categorias vítimas, agressores e crianças observadoras/apoiantes, como podemos verificar no anexo 8.

Para concluir quais as crianças mais agressoras na opinião das educadoras, foram analisadas as questões A, B e C que dizem respeito a agressores físicos, verbais e indirectos, ou seja são as crianças que produzem dano ou desconforto a outrem. Relativamente às crianças vítimas verbais, físicas ou indirectas foram analisadas as questões D, E e F, estas são crianças vítimas de algum dano ou desconforto criado pela criança agressora.

Relativamente às crianças observadoras/apoiantes (crianças que intervêm na resolução de conflitos entre pares), são as crianças de apoio a agressores e vítimas, os observadores, os que se retiram do conflito e os que tentam resolver os problemas. Nesta categoria foram inseridas as questões G, H, I, J e K.

Relativamente á última questão “*Qual é o local da escola onde habitualmente acontecem os problemas/conflitos?*”, na opinião das educadoras o local predominante é o recreio com três respostas e os outros locais como a casa de banho, a sala de aula e os corredores, tiveram uma resposta cada uma.

De forma a ter um olhar mais amplo, não se realizaram apenas os questionários às educadoras e complementou-se o estudo com a opinião das crianças. Para tal realizaram-se entrevistas às crianças de quatro e cinco anos. As entrevistas foram realizadas a uma criança de cada vez e gravadas num gravador depois foram transcritas para o guião criado para o efeito (ver anexo 6).

Depois de transcritas todas as entrevistas foram analisadas as respostas das crianças (ver anexo 9) juntamente com as respostas das educadoras e cruzadas as informações.

Relativamente às entrevistas realizadas às crianças, desde a questão (do guião ver anexo 6) um até à questão onze e a questão dezasseis, podemos verificar quais as crianças mais agressoras, segundo a opinião das crianças. Para verificar quais as crianças mais mencionadas como vítimas foram consideradas as questões doze, treze, catorze, quinze, dezassete e dezoito, que perguntam à criança quem dos seus amigos apanha empurrões, pontapés, murros e quem dos amigos é posto à parte.

Para perceber quais as crianças observadoras/apoiantes foram analisadas as questões (19, 20, 21 e 22) sobre quem “procura resolver os seus problemas e os dos outros”, “quem se vai embora quando ocorrem conflitos”, quando estes ocorrem “quem ajuda a criança que está a ser maltratada” e sobre “quem numa situação de agressão, fica quieto e calado sem fazer nada”.

Na questão “*Qual o local onde habitualmente ocorrem os problemas?*”, as crianças referiram cinco vezes o recreio, seguido dos cabides e sala de actividades que foram mencionados duas vezes cada uma e referiram uma vez, a casa de banho.

Assim o local mais referido, como o local onde ocorre mais bullying é os recreios, como refere Pereira, Neto e Smith (1997), é nos recreios que se observa maior frequência de comportamentos anti-sociais, cabendo a estes espaços percentagens que se salientam face aos restantes, nomeadamente nas salas de aula, corredores, etc..., que assumem valores mais baixos.

Como os cabides foram mencionados duas vezes questionou-se as crianças porque é que achavam que os problemas ocorriam nos cabides e na casa de banho, visto serem mesmo ao lado uma da outra e ser referido apenas uma vez pelas educadoras. Obtiveram-se respostas tais como “*Porque é onde gritam mais*” e “*Porque é onde andam a correr*”. Desta forma, verifica-se o quanto é importante a supervisão pois como educadora não tinha noção que ocorressem aí conflitos e a verdade é que foi um local referido pelas crianças, pelo que me leva a crer que ao irem à casa de banho ou ao irem buscar as mochilas as crianças não estejam a ser tão bem supervisionadas como deveriam ser e os conflitos ocorram sem que as educadoras e auxiliar se apercebam. Pelo que concluímos sobre a prática de bullying que os professores/educadores muitas vezes não têm conhecimento do mesmo.

Posto isto, foi relevante para o estudo unir a opinião das educadoras com a opinião das crianças, pois sem a opinião destas últimas, não iríamos perceber que existiam conflitos nos cabides. Como refere Thomson (2005) “*is important to compare adults and children’s assessments of the same environment, because their perceptions*

*may be different, and even if their perceptions are similar, their frames of reference and the importance assigned to the perceived attributes may differ*". De igual modo, na questão das crianças vítimas, agressoras e observadoras/apoiantes, como podemos verificar no quadro seguinte (Quadro 6) existem crianças que são mais mencionadas pelas crianças e que não são referidas pelas educadoras.

	EDUCADORAS	CRIANÇAS	TOTAL
JC4M	4	28	<b>32</b>
GI5M	2	16	<b>18</b>
RI5M	1	5	6
VI4M	1	6	<b>7</b>
BS3M	4	0	4
MS3F	2	0	2
JE4F	1	6	<b>7</b>
AM5F	2	20	<b>22</b>
BE3M	1	5	6
AS4M	1	1	2
BA3F	2	0	2
PL5M	0	14	<b>14</b>
JL5M	0	10	<b>10</b>

Quadro 6: Nº de vezes que cada criança foi mencionada como agressora.

Após a análise das entrevistas às crianças e aos questionários das educadoras, chegou-se à conclusão como podemos observar no quadro 6, que as crianças mais mencionadas como agressoras foram JC4M (32), AM5F (22), GI5M (18), PL5M (14), JL5M (10) e VI4M e JE4F (7). Assim entre as crianças mais mencionadas como agressoras, no total de sete crianças, apenas duas são do género feminino.

	EDUCADORAS	CRIANÇAS	TOTAL
JC4M	2	4	<b>6</b>
GI5M	0	9	<b>9</b>
RI5M	0	5	<b>5</b>
DI4M	0	2	2
NL3M	0	2	2
MS3F	1	0	1
JE4F	0	1	1
AM5F	3	8	<b>11</b>
BE3M	2	2	4

AS4M	0	7	<b>7</b>
AL5F	0	3	3
PL5M	1	7	<b>8</b>
JL5M	0	3	3

Quadro 7 : N° de vezes que cada criança foi mencionada como vítima.

Dado o quadro anterior (quadro 7), chegámos á conclusão que as crianças mais mencionadas como vítimas foram AM5F (11), GI5M (9), PL5M (8), AS4M (7), JC4M (6) e RI5M (5). Neste caso apenas uma criança é do género feminino e cinco são do género masculino, todas têm cinco anos, à excepção de um menino que tem quatro anos.

	EDUCADORAS	CRIANÇAS	TOTAL
JC4M	1	2	3
GI5M	4	6	<b>10</b>
RI5M	2	3	<b>5</b>
VI4M	1	1	2
MB5F	3	2	<b>5</b>
MS3F	2	0	2
JE4F	1	3	<b>4</b>
AM5F	0	4	<b>4</b>
BE3M	0	2	2
AS4M	2	2	<b>4</b>
MI4M	2	0	2
PL5M	3	7	<b>10</b>
JL5M	2	6	<b>8</b>
AL5F	2	1	3
AY5F	2	0	2
BJ3F	1	0	1

Quadro 8 – N° de vezes que cada criança foi mencionada como observadora/apoiante.

As crianças mais mencionadas como sendo observadoras ou apoiantes (Quadro 8), crianças que procuram resolver os conflitos entre pares foram o GI5M (10), PL5M (10), seguidas de JL5M (8), RI5M e MB5F (5) e JE4F, AM5F e AS4M (4). Três crianças do género feminino, duas com cinco anos e uma com quatro e cinco do género masculino, quatro com cinco anos e uma com quatro anos.

Analisando os quadros em conjunto verificámos que três crianças foram mencionadas simultaneamente como agressoras, vítimas e observadoras/apoiantes,

sendo elas duas do género masculino com cinco anos (GI5M) e PL5M) e uma do género feminino também com cinco anos (AM5F).

Uma rapariga com cinco anos, foi referida apenas como observadora/apoiante. E um rapaz com quatro anos foi mencionado apenas como agressor.

Dois meninos, um com quatro anos e outro com cinco anos (AS4M e RI5M) foram identificados como observadores/apoiantes e vítimas simultaneamente. Um rapaz de cinco anos e uma rapariga de quatro anos foram mencionados como agressores e observadores/apoiantes e JC4M, um rapaz de quatro anos foi referido como agressor e vítima em simultâneo.

Pelo exposto se concluí que estas crianças de reduzida faixa etária, tanto são agressoras, como vítimas, como observadoras/apoiantes, isto é, têm diferentes comportamentos. São crianças pequenas que passam facilmente de vítimas a agressoras, pois ao sentirem-se desconfortáveis com alguma situação, tornam-se agressoras e tornam o agressor em vítima.

Nesta primeira 1ª fase do estudo pretendia-se chegar á amostra final. Na 2ª fase, estas crianças foram observadas e gravadas em três parques diferentes (Parque 25 de Abril com equipamentos fixos, Parque do Jardim de Infância sem equipamentos móveis e Parque do Jardim de Infância com equipamentos móveis).

Assim na segunda fase a amostra irá ser composta por dez crianças sendo elas a criança JL5M, GI5M, AM5F, AS4M, PL5M, RI5M, VI4M, JE4F, MB5F e JC4M. Sendo três do género feminino, duas com cinco anos e uma com quatro e sete do género masculino, quatro com cinco anos e três com quatro anos.

		Género	
		Feminino	Masculino
Idade	4	1	3
	5	2	4
Amostra Total: 10 crianças			

Quadro 9 – Amostra Final

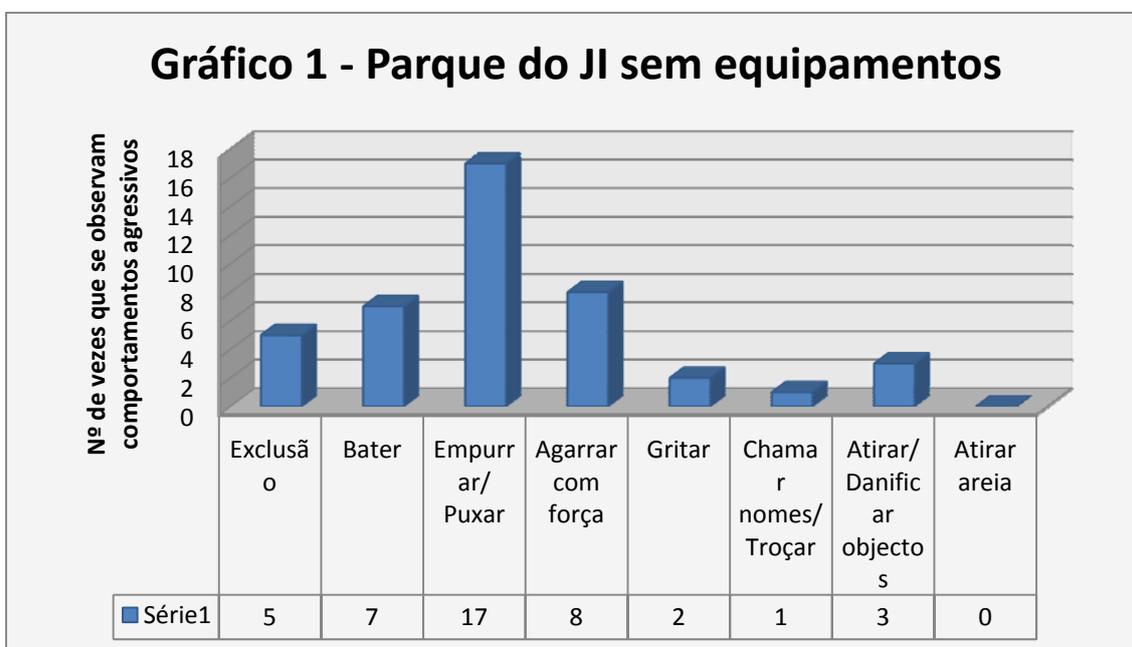
## ESTUDO II – ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS EM DIFERENTES PARQUES INFANTIS

### 1. PARQUE INFANTIL SEM EQUIPAMENTOS E PEQUENAS DIMENSÕES

Após a análise das filmagens, minuto a minuto, no espaço habitual onde as crianças costumam brincar, foram seleccionados de cada sessão os episódios de comportamentos agressivos (ver anexo 10).

De seguida foram analisados os episódios agressivos e relativamente ao **Parque do Jardim de Infância sem equipamentos móveis** verificaram-se quarenta e três comportamentos agressivos, nos quais em trinta e três o agressor é do género masculino e dois casos de resolução de conflitos, ambos da mesma criança MB5F, uma menina de cinco anos. Primeiro MB5F, conversa com uma criança que está de castigo e seguidamente vai ter com outra menina de quatro anos (JE4F) que chora porque lhe deram um belisco e MB5F dá-lhe a mão.

No que diz respeito aos comportamentos agressivos têm várias formas de expressão como podemos ver no gráfico 1.



Pelo exposto, se concluí que o comportamento predominante é o empurrar (17), este comportamento resultou em alguns casos, por lhes baterem, porque empurram, ou pela posse de algo, outras vezes sem motivo aparente. Outra explicação possível, é por quererem ser líderes e outras vezes para chamarem a atenção, como foi o caso de um menino de quatro anos (JC4M), que foi das crianças mais excluídas porque é uma criança que quando as coisas não são como ele deseja, torna-se agressivo para os amigos e como tinha sido excluído da brincadeira, para chamar a atenção empurrou duas vezes bruscamente a estagiária que se encontrava no parque. Nestes dezassete casos em que as crianças empurram em nove o agressor é do género masculino, sendo o empurrão tão comum entre os rapazes como entre as raparigas.

A seguir ao comportamento agressivo empurrar, verificámos o agarrar com força (8), em que o agressor é sempre do género masculino, neste caso uma das crianças RI5M, agarra fortemente os amigos, não por lhes querer fazer mal, mas sim porque pensa estar a brincar e não tem noção da força que tem, acabando por magoar os amigos que às vezes acabam por chorar, enquanto RI5M pede-lhes desculpa como se não percebesse porque estão a chorar, como explicação podemos referir que se deve talvez ao facto de RI5M ser uma criança com um corpo bastante robusto para a sua idade.

Verificaram-se sete comportamentos de bater, nos quais em cinco o agressor é do género masculino. Batem por vários motivos, porque lhes partirem um pau, pelo simples facto de lhes darem um beijo ou por quererem ser líderes, e algumas vezes também sem qualquer motivo. Cinco comportamentos, assumem a forma da exclusão que é o caso do JC4M (referido anteriormente), VI4M e AM5F esta última foi excluída por ser uma brincadeira só de rapazes e por isso não a deixaram participar e disseram-lhe que não podia brincar, ou seja foi excluída devido ao género e o pontapear em que o AS4M pontapeia PL5M por este lhe tirar e atirar o boné para o chão.

Três comportamentos assumiram a forma de atirar/danificar objectos, sendo observadas situações como o desapertar dos atacadores aos amigos, o tirar e atirar para o chão o boné do colega.

Em duas situações as crianças gritaram, sendo o agressor do género masculino em ambas as situações e gritam por vezes sem motivo ou então por não concordarem com as regras dos jogos que os amigos lhes explicam.

Num comportamento verificou-se o chamar nomes/insultar, o caso de AM5F que chama “mariquinhas” aos amigos por não a deixarem participar na brincadeira. Logo neste parque em quarenta e três comportamentos agressivos, trinta e sete são realizados

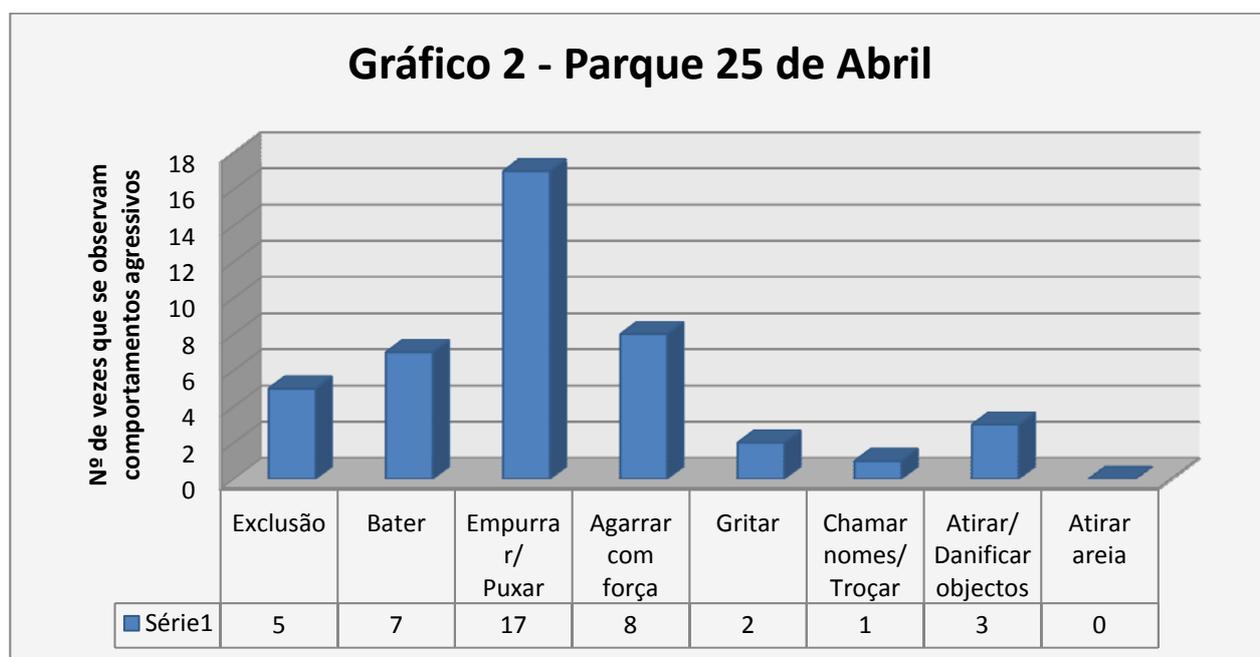
por um agressor do género masculino e seis por uma agressora. Relativamente às vítimas em dezanove situações a vítima é do género feminino e em vinte e quatro do género masculino.

Concluindo em crianças de 4 e 5 anos o agressor é sobretudo do sexo masculino. Quanto à vitimação, sendo predominante entre os rapazes, também afecta com frequência as raparigas. Quanto às idades as crianças mais velhas, de 5 anos, são mais agressoras do que as de 4.

## 2. PARQUE INFANTIL COM EQUIPAMENTOS FIXOS E DE GRANDES DIMENSÕES

Relativamente ao parque infantil **com equipamentos fixos** foram observados cinquenta e dois comportamentos agressivos, e um comportamento de resolução de conflitos, no qual RI5M tenta evitar que VI4M faça queixa do DI4M à educadora dizendo-lhe insistentemente “VI4M foi sem querer, foi sem querer”.

Nos cinquenta e dois comportamentos agressivos, em quarenta e cinco, o agressor é do género masculino e sete do género feminino. Tal como em outros parques os comportamentos agressivos assumem várias formas de expressão como podemos verificar no gráfico 2.



Assim, podemos constatar que o comportamento predominante é o empurrar/puxar (24), destes vinte e quatro comportamentos, seis são ao DI4M, uma possível razão é por as crianças terem DI4M como o “mau das brincadeiras”, então abusam na força, levando DI4M a chorar e a queixar-se à educadora que em alguns casos teve mesmo de intervir, e não são acontecimentos únicos, são constantes e voluntários. Destes vinte e quatro comportamentos, em dezanove o agressor é do género masculino e apenas em cinco casos o agressor é do género feminino. Este comportamento também foi registado no PI de pequenas dimensões e sem equipamentos onde as crianças brincam habitualmente.

As crianças empurram para fazer mal deliberadamente a DI4M, ou por vezes sem razão alguma, ou porque se “sentem presas” pelos colegas, ou em quatro comportamentos pela disputa do bebedouro. Em três comportamentos agressivos as crianças puxam a camisola dos amigos e são sempre agressores e vítimas do género masculino.

Seguidamente ao comportamento agressivo empurrar/puxar, verificámos sete comportamentos em que as crianças batem de várias formas no caso de DI4M que é sistematicamente vítima de bullying dão-lhe pontapés, porque dizem que é o “mau da brincadeira” e apesar de as educadoras não quererem intervir ao mínimo comportamento agressivo, pois também devem tentar que as crianças aprendam a resolver os seus conflitos sozinhas, tiveram que intervir relativamente a estes comportamentos pois estavam a tornar-se demasiado cruéis para DI4M, então a educadora/mestranda explicou às crianças agressoras que teriam de parar pois o que estavam a fazer não era correcto, pois estavam a magoar um amigo.

Outra forma de expressão do bater é JC4M, que dá um murro a JE4F, pois ambos querem brincar no bebedouro e como esta já o tinha empurrado três vezes, JC4M, bate-lhe.

Verificaram-se cinco comportamentos agressivos em que as crianças assumiram como forma de expressão o gritar: uma das possíveis razões pela qual gritam é por não aceitarem as regras do jogo que os outros lhes impõem, ou porque numa brincadeira como os amigos são o “inimigos”, gritam excessivamente com eles.

Também cinco comportamentos assumiram a forma de agarrar com força, inicialmente algumas brincadeiras começam por ser jogo de luta, contudo a insistência e o tornarem-se mais “brutos e empolgados” com a brincadeira fez com que se tornassem em comportamentos agressivos, penso que nestas idades as crianças não têm bem a

noção de estar a magoar os amigos e só percebem quando estes choram ou se queixam, RI5M é um dos melhores exemplos destas situações pois magoa muitas vezes os amigos e depois quando esses se queixam diz que apenas estava a brincar, mas continua a insistir porque quer continuar a brincadeira.

Verificaram-se quatro comportamentos de atirar/danificar objectos e em todos eles a vítima é DI4M e os agressores são todos do género masculino e pertencem a um grupo que pelas várias filmagens se percebe que é um grupo líder (JL5M, PL5M e GI5M), que manda várias crianças mais submissas fazerem mal a DI4M e só assim podem participar nas suas brincadeiras.

Em três comportamentos agressivos as crianças insultam/chamam nomes e em três atiram areia aos amigos. Relativamente a chamarem nomes JL5M chama “maricas” a AS4M por ele não fazer o que ele lhe manda, e depois chama-lhe “mariquinhas” e “chourição maricas”. A agressão verbal também se verificou no PI sem equipamentos.

Relativamente ao atirar areia VI4M, atira areia sem nenhuma razão aparente para os pés de BJ3F. JC4M atira areia a VI4M porque este também lhe atirou com ervas secas este comportamento ocorre porque no início JC4M estava a atirar areia para o ar sem razão alguma e esta caiu em VI4M, que zangado lhe atirou então com as ervas secas. E DI4M agarrou em areia para atirar aos amigos, pois estava saturado que lhe fizessem mal, mas como a educadora/mestranda intervêm atira-a para o chão.

Por último verificou-se um comportamento agressivo que assumiu a forma de exclusão em que PL5M exclui JL5M da brincadeira, por este não fazer o que ele quer dizendo-lhe “Já não jogas!”.

### **3. PARQUE INFANTIL COM EQUIPAMENTOS E PEQUENAS DIMENSÕES**

No que diz respeito ao **Parque do Jardim de Infância com equipamentos móveis** verificaram-se sessenta e cinco comportamentos agressivos e três casos em que ocorreu uma resolução de conflitos. No mesmo parque mas com equipamentos móveis verificou-se um aumento dos comportamentos agressivos, uma possível explicação para este número é o facto de os equipamentos existirem em número reduzido o que causa disputa entre as crianças, pois o tempo dos vídeos foi o mesmo, mas enquanto sem equipamentos as crianças cooperam umas com as outras organizando-se para realizarem jogos, no parque com os equipamentos disputam-nos acabando por brincar sozinhas, ou por causar conflitos.

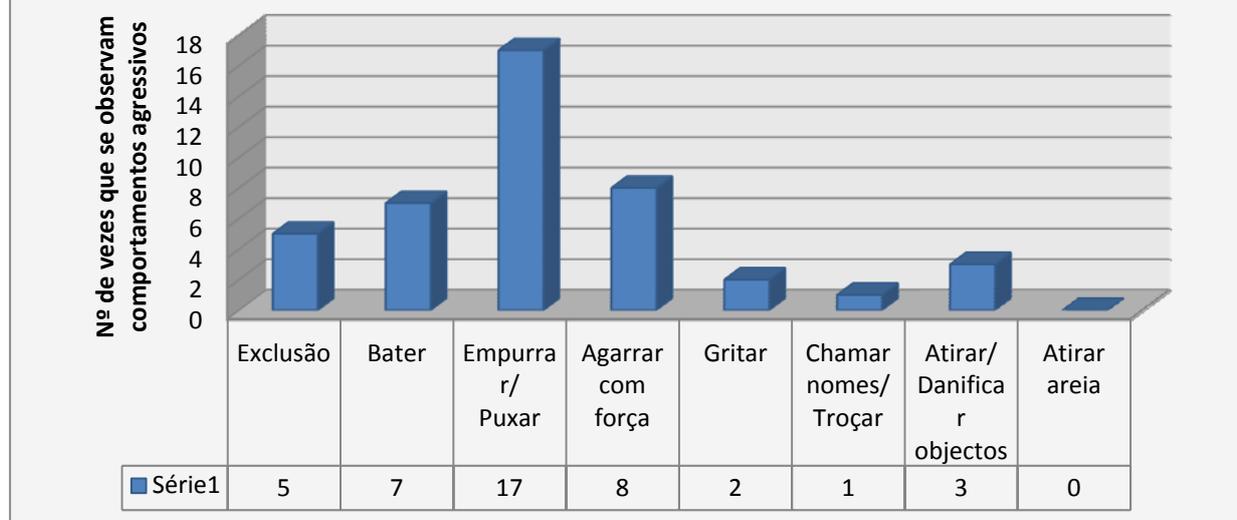
Na resolução de conflitos, dois casos implicam crianças do género feminino e o outro caso crianças do género masculino, em que AS4M grita com NL3M porque este não o deixa chutar uma bola, contudo após conversarem, resolvem o problema. Nos casos que envolvem crianças do género feminino, JE4F no início puxa uma bola das mãos de uma criança de três anos, mas depois ao aperceber-se que esta fica triste decide devolver-lhe a bola, no segundo caso MB5F, uma das crianças mais mencionada como observadora/apoiante de conflitos intervêm junto de duas crianças que discutem uma com a outra e após alguns minutos de conversa em que MB5F é mediadora da conversa as coisas acalmam e resolve-se o problema.

Relativamente aos comportamentos agressivos, em quarenta e três comportamentos o agressor é do género masculino e vinte e dois do género feminino. As vítimas são cinquenta e duas do género masculino e treze do género feminino, maioritariamente os envolvidos em comportamentos agressivos, tanto como agressores ou vítimas são do género masculino.

No que diz respeito aos comportamentos agressivos têm várias formas de expressão como podemos ver no gráfico 3.

Pelo exposto se concluí que o comportamento predominante é o empurrar/puxar (21), em que os agressores são dez crianças do género masculino e onze do género feminino, as vítimas catorze do género masculino e sete do género feminino. Este comportamento resultou pela posse de equipamentos móveis, outras vezes sem motivo aparente. Outra explicação possível é por quererem ser líderes, como foi o caso de GI5M que empurra no jogo do “macaquinho do chinês”, por não fazerem o que ele quer, ou o caso de MB5F que empurra outra criança porque quer ser ela a “médica” da brincadeira.

### Gráfico 3 - Parque JI com equipamentos



Devido à posse de brinquedos este comportamento ocorreu dezasseis vezes, empurram pela posse de bolas, triciclos e trotinete, havendo mesmo situações (GI5M empurrado por RI5M e AM5F que empurra GI5M), em que a criança cai no chão e fica a chorar.

Quase na totalidade estes comportamentos agressivos devem-se à luta pela posse de brinquedos, no caso de JC4M é uma criança que tem comportamentos egoístas e agressivos apenas pela posse do brinquedo, pois quando os têm mostra-se desinteressado pelos mesmos, isto talvez se deva ao facto de ser uma criança com algumas necessidades económicas.

A seguir ao comportamento agressivo empurrar/puxar, verificámos o atirar/danificar objectos/brinquedos (18), na totalidade as vítimas e os agressores envolvidos são do género masculino. Em dois desses dezoito comportamentos VI4M tira o chapéu a GI5M e este tira o de VI4M e atira-o para o chão. Nos outros dezasseis comportamentos as crianças atiram bolas saltitonas à cabeça umas das outras. GI5M chora porque RI5M lhe atirou com força uma bola à cabeça. PL5M, por duas vezes atira uma bola de propósito a AS4M, talvez se deva ao facto de PL5M ser uma criança muito dominadora que não aceita a opinião dos amigos, tornando-se agressivo, quando estes não estão de acordo com ele.

Destes dezoito comportamentos agressivos VI4M é responsável por dez em quatro minutos, em que atira repetidamente com bolas a PL5M, fugindo depois, de seguida volta e atira novamente existindo situações em que faz “caretas” para PL5M e

este já saturado lhe diz “Pára VI4M, tu és da minha equipa”, mas este continua. Assim concluí-se que existe uma pequena distância entre o que é um comportamento agressivo e o que é uma brincadeira, as crianças brincam mas ao ficarem empolgadas com as brincadeiras muitas vezes magoam os amigos que inclusive se queixam.

Nesta brincadeira, inicialmente as crianças atiravam bolas ao ar dizendo que eram “tiros”, contudo a evolução da brincadeira, fez com que as bolas pelo parque se tornassem em comportamentos agressivos, porque ao serem atiradas com força fizeram com que as crianças tenham ficado zangadas e começaram a empurrar quem lhes atirava com as bolas, ou então retribuía o gesto e atiravam as bolas cada vez com mais força.

O facto de as bolas saltitonas terem duas saliências que servem para as crianças agarrarem enquanto saltam, fazem com que tenham tendência a agarrarem-nas por aí e a atirá-las ainda com mais força em vez de serem utilizadas para o devido efeito que é saltar.

Verificaram-se oito comportamentos que assumiram a forma de gritar, em sete o agressor é do género masculino e as vítimas sete são igualmente do género masculino.

As crianças gritam porque não querem perder no jogo do “macaquinho do chinês”, ou porque querem ser os “chefes do jogo” e também porque querem mudar de jogo. Gritam ainda por ex: GI5M grita com VI4M e com DI4M porque estes não sabem imitar os seus sons, ou AM5F grita/ralha com JE4F por esta dar o triciclo a JC4M e AS4M grita com RI5M, por este chutar a bola sem querer para a rua e RI5M, revoltado grita também com AS4M.

Neste parque verificaram-se sete comportamentos agressivos com a forma de exclusão em que os agressores são quatro do género masculino e três do género feminino e as vítimas são igualmente quatro do género masculino e três do género feminino.

MB5F é uma das crianças, duas vezes vítima de exclusão pois apesar de andar sempre atrás dos amigos não é incluída nas brincadeiras, tal como RI5M que duas vezes também é ignorado pelos colegas, ou seja PL5M é uma criança líder e RI5M anda sempre atrás dele, quando faz o que lhe diz brinca com ele se não faz o próprio RI5M chateia-se, amua e afasta-se, contudo acaba sempre por voltar a andar atrás do grupo líder (GI5M, PL5M e AS4M).

AM5F afasta uma criança de GI5M que o quer ajudar, deixando GI5M a chorar sozinho, já AF4M ignora o pedido do triciclo de JC4M, fingindo não o ouvir, tal como JL5M que ignora ME5F.

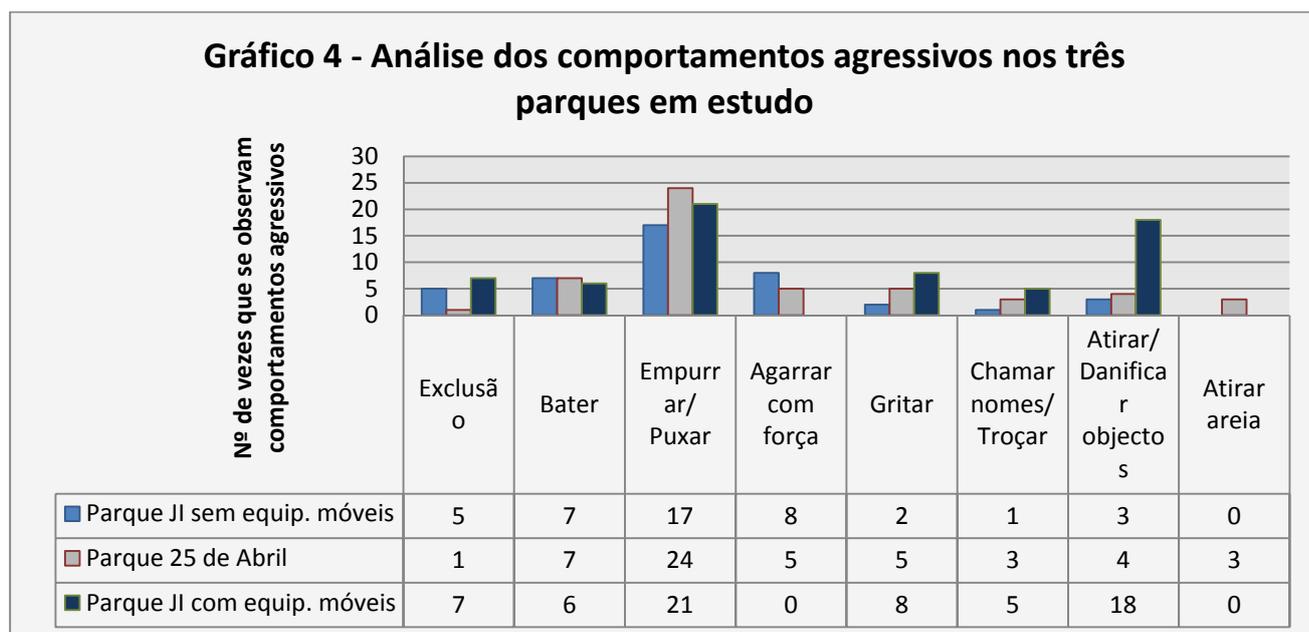
De seguida verificaram-se seis comportamentos com a forma de bater em que o agressor foi quatro vezes do género masculino e duas do género feminino, tal como as vítimas quatro do género masculino e duas do género feminino. Um menino de cinco anos (GI5M) bate em um menino de três anos (NL3M), porque este lhe tirou uma bola, JC4M bate com o triciclo nas pernas de AM5F provavelmente porque está saturado que esta troce dele. Uma criança de quatro anos do género feminino (JE4F) dá uma palmada a outra de três anos (LE3F) porque esta a está a magoar com uma bola.

PL5M dá uma palmada na testa de AS4M aparentemente sem motivo algum e depois dá-lhe pontapés por este tentar ajudar JL5M na disputa por uma bola, por sua vez JL5M dá uma joelhada a PL5M por este lhe tirar a bola várias vezes.

Por último verificaram-se cinco comportamentos em que AM5F troça com JC4M, deitando-lhe a “língua de fora”, dizendo-lhe “Toma, toma, ...”, estes cinco comportamentos resultaram do facto de JC4M querer o triciclo e AM5F, por não lhe o querer dar, anda pelo parque fazendo troça do mesmo chegando mesmo a entregar o triciclo a outra criança, sabendo que JC4M estava primeiro e já tinha pedido.

Nestes comportamentos o agressor é sempre do género feminino e a vítima sempre do género masculino.

#### 4. ANÁLISE GLOBAL DOS COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS PARA OS TRÊS PARQUES ESTUDADOS



Após a análise dos parques individualmente pudemos chegar a conclusões que nos vão permitir ou não verificar os nossos objectivos.

Inicialmente pudemos concluir que existiram manifestações de comportamentos agressivos, ou seja no parque do jardim de infância sem equipamentos móveis verificaram-se quarenta e três comportamentos agressivos, no mesmo parque mas com equipamentos móveis ocorreram sessenta e cinco comportamentos agressivos e no parque 25 de Abril, cinquenta e dois comportamentos agressivos.

Em relação ao factor espaço de recreio, esta influência a prática de comportamentos agressivos, como podemos observar no quadro seguinte:

	Parque do JI sem equipamentos móveis		Parque 25 de Abril com equipamentos fixos		Parque do JI com equipamentos móveis	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Empurrar / Puxar	17	39.5	24	46.2	21	32.3
Chamar nomes	1	2.3	3	5.7	0	0
Gritar	2	4.7	5	9.6	8	12.3
Bater	7	16.4	7	13.5	6	9.2
Atirar/ Danificar objectos	3	6.9	4	7.7	18	27.7
Agarrar com força	8	18.6	5	9.6	0	0
Exclusão	5	11.6	1	1.9	7	10.8
Troçar	0	0	0	0	5	7.7
Atirar areia	0	0	3	5.8	0	0
Total	43	100%	52	100%	65	100%

Quadro 10 – Tipo de Vitimação segundo o parque.

Nos três recreios em estudo verifica-se que a principal forma de vitimação é o empurrar/puxar.

Pelo exposto, anteriormente verificamos que a presença de equipamentos móveis, resultou em maior número de comportamentos agressivos e pudemos verificar que os mesmos ocorreram devido à disputa pelos diferentes equipamentos

principalmente pelas bolas e pelo triciclo, que existiam em número reduzido, o que provocou comportamentos agressivos por parte das crianças.

No parque 25 de Abril, com equipamentos fixos, verificou-se um maior número de comportamentos agressivos relativamente ao parque do Jardim de infância sem equipamentos móveis, talvez se deva ao facto de as crianças no parque com equipamentos fixos brincarem mais a jogos de faz-de-conta, como guardiões de castelos e aos “bons e aos maus”, as crianças neste parque brincam a maior parte do tempo na ponte/escorrega e como nas suas brincadeiras neste espaço existem os “bons e os maus”, como já foi referido, as crianças não se apercebem do seu abuso de força e o ser sistematicamente sempre os mesmos meninos os maus da brincadeira, faz com que simples brincadeiras se tornem em comportamentos agressivos, devido ao abuso de força, muitas vezes sem que as mesmas e também á repetição dos mesmos comportamentos nas mesmas crianças.

No Parque do Jardim de Infância sem equipamentos, apesar de terem ocorrido quarenta e três comportamentos agressivos, foi o parque onde se verificou menor número, pois neste estudo foi o parque onde as crianças devido à pobreza do espaço se preocuparam mais em cooperar umas com as outras respeitando-se realizando mais jogos colectivos. Possivelmente por ser o espaço onde as crianças brincam diariamente e a rotinas limitam as experiências das crianças e o espaço de recreio não é um espaço de criatividade e diversidade de práticas. Espaços diversificados representam novas oportunidades de jogo donde podem surgir alguns conflitos que as crianças necessitam de aprender a resolver.

No que diz respeito, se há diferenças em relação aos comportamentos agressivos, relativamente às dimensões dos diferentes espaços, apesar de no parque vinte e cinco de Abril existirem 2480 m<sup>2</sup> que divididos por vinte e duas crianças, que é a média do número de crianças a frequentar o jardim de infância diariamente, temos 113m<sup>2</sup> por criança, pelo que tanto espaço deveria diminuir a existência de comportamentos agressivos, mas não é o que se verifica pois no parque do Jardim de Infância cada criança tem 10m<sup>2</sup> e aí verificaram-se menos comportamentos agressivos, quando não se verificou a presença de equipamentos móveis, pois com equipamentos móveis o número de comportamentos agressivos aumentou. Uma explicação possível para estes resultados é o facto de as crianças no parque 25 de Abril verem o equipamento escorrega/ponte como um castelo e DI4M como o mau da brincadeira e a maior parte dos comportamentos agressivos verificam-se contra DI4M. Apesar de na revisão de

literatura, ser referido que a quantidade de conflitos e agressões verificadas em diversos estudos nos pátios escolares aumenta quanto maior é o número de crianças. Segundo Pereira (1997, p.135) “*a densidade populacional nos recreios é outro factor importante que poderá estar associado a uma maior agressividade*”, neste estudo isto não se verifica, pois no parque que as crianças tinham menos espaço para brincar foi onde se verificaram também menos comportamentos agressivos. Este facto pode ser explicado por ser o espaço habitual de recreio das crianças, onde as rotinas estão instaladas.

A disponibilidade ou quantidade de brinquedos é outro factor do ambiente que influencia as interacções infantis. Analisando o brincar e associando-o à quantidade de brinquedos disponíveis, Smith e Connolly (1980) verificaram que quanto menor era o número de brinquedos mais as crianças discutiam ou permaneciam em actividades paralelas. Por outro lado, quando a quantidade de objectos era muito grande, elas acabavam por brincar sozinhas. Neste estudo, comparando o parque do Jardim de Infância com e sem equipamentos verificamos que existem mais comportamentos agressivos, aquando a presença de equipamentos, isto pode ser explicado pelo reduzido número de brinquedos, ou seja como os brinquedos são poucos para as crianças existentes, elas disputam-nos e não sabem partilhar, talvez devido á sua tenra idade (4, 5 anos) caracterizada pelo egocentrismo. No mesmo parque e já sem equipamentos foi o parque onde se verificou, menor número de comportamentos agressivos, isto possivelmente deve-se ao facto das crianças, ao perceberem que não têm nada com que brincar, tornam-se mais comunicativas umas com as outras e realizam mais jogos colectivos e outras brincam sozinhas, ou seja nos jogos colectivos necessitam umas das outras e aprendem a cooperar, nas brincadeiras sozinhas, como estão isoladas e brincam apenas utilizando o seu imaginário, não surgem tantos conflitos, uma vez que também não existem brinquedos pelos quais seja necessário agredir pela sua posse.

No estudo ao verificarmos se há diferenças em relação aos comportamentos agressivos em relação ao género masculino e feminino verificámos que sim, em todos os parques ocorreram no total cento e sessenta comportamentos agressivos, destes cento e sessenta, em cento e vinte e cinco, o agressor é do género masculino e trinta e cinco do género feminino, ou seja a percentagem do agressor ser do género masculino é de 78,1% e do género feminino é de 21.9%. No que diz respeito às vítimas dos cento e sessenta comportamentos agressivos ocorridos, em cento e vinte e sete a vítima era do género masculino e em trinta e três do género masculino, ou seja a percentagem de episódios em que a vítima é do género masculino é de 79.4% e da vítima ser do género

feminino é de 20.6% o que vem de encontro ao referido anteriormente na revisão de literatura que refere que, “*as raparigas envolvem-se menos do que os rapazes em práticas agressivas: são menos vítimas e, sobretudo, menos agressoras*”(Pereira e Pinto, 1999). Diversos estudos afirmam também que o Bullying é mais frequente entre rapazes do que entre raparigas: Garcia e Perez (1989); Whitney e Smith (1993); O’Moore, Kirkham e Smith (1997), Pereira, et al (2004).

Analisando o género nos diferentes parques verificou-se, como podemos ver no quadro seguinte que os rapazes são em todos os parques objecto de estudo, mais agressores e mais vítimas, verificando-se que as raparigas se envolvem menos em tais comportamentos.

	Género			
	Agressores		Vítimas	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Parque do Jardim de Infância sem equipamentos móveis	88.4%	11.6%	65.1%	34.9%
Parque 25 de Abril com equipamentos fixos	86.5%	13.5%	90.4%	9.6%
Parque do Jardim de Infância com equipamentos móveis	64.6%	35.4%	80%	20%

Quadro 11 – Comparação do nº de episódios de vitimação e de agressão nos diferentes parques, quanto ao género.

Assim concluindo, como podemos ver no quadro seguinte, os agressores são 78.1% do género masculino e 21.9%, do género feminino e as vítimas 79.4% do género masculino e 20.6% do género feminino. Ou seja, a prática de comportamentos agressivos é predominante entre rapazes mas também afecta com frequência as raparigas.

	Género			
	Agressores		Vítimas	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Parques objecto de estudo (3), onde ocorreram 160 comportamentos agressivos no total	125 comportamentos	35 comportamentos	127 comportamentos	33 comportamentos
	78.1%	21.9%	79.4%	20.6%

Quadro 12 – Comparação do nº de episódios de vitimação e de agressão no total dos diferentes parques, quanto ao género.

## CONCLUSÕES

Passando às conclusões propriamente ditas, devemos ressaltar que a natureza deste estudo, visto tratar-se de uma pesquisa num Jardim de Infância, apenas permite revelar parte de uma realidade, não devendo os conhecimentos que daqui advém, ser transpostos para outras realidades.

A criança passa grande parte do seu tempo na escola a usar os espaços exteriores disponíveis, em actividades de jogo de acordo com a estimulação possível do envolvimento físico. O que a criança pode fazer nos recreios escolares, varia consoante a influência de muitos factores como: a idade, o número de alunos em relação ao espaço disponível, a qualidade das superfícies de jogo, as dinâmicas de grupos existentes, a qualidade dos equipamentos e materiais de jogo, o envolvimento de supervisores e professores, o estabelecimento de regras, etc ...Considerando os constrangimentos da vida actual, os tempos de recreio nas escolas, são para as crianças, momentos de grande oportunidade de estimulação para as suas aquisições motoras, estruturação perceptiva e relacionamento social, trata-se de locais de encontro e interacção social que podem assumir formas negativas ou positivas.

Alguns estudos têm demonstrado que nos recreios das escolas as percentagens de comportamentos de bullying são elevadas e próximas do que acontece em outros países europeus (Pereira & Neto, 1997; Pereira et al., 1996; Whitney & Smith, 1993). Neste estudo verificou-se a prática de comportamentos agressivos, sendo a forma mais predominante em todos os parques o empurrar/puxar, 39.5% no parque do JI sem equipamentos móveis, 32.3%, no mesmo parque mas com equipamentos e 46.2% no parque com equipamentos fixos e de grandes dimensões. No parque do Jardim de Infância sem equipamentos em crianças de 4 e 5 anos o agressor é sobretudo do sexo masculino. Quanto à vitimação, sendo predominante entre os rapazes, também afecta com frequência as raparigas. Quanto às idades as crianças mais velhas, de 5 anos, são mais agressoras do que as de 4.

O tipo de vitimação menos utilizado variou consoante o parque, sendo dos comportamentos que se verificaram, o chamar nomes 2.3%, no parque JI sem equipamentos, no mesmo parque com equipamentos o troçar 7.7% e no parque 25 de Abril a exclusão com 1.9%.

Verificámos que a presença de equipamentos móveis, resultou em maior número de comportamentos agressivos e pudemos verificar que os mesmos ocorreram devido à

disputa pelos diferentes equipamentos, principalmente pelas bolas e pelo triciclo, que existiam em número reduzido, o que provocou comportamentos agressivos por parte das crianças pelo que concluímos que deve ser disponibilizado um nº de equipamentos lúdicos móveis em função do nº de crianças e, se este nº for muito reduzido pode mesmo provocar a disputa dos mesmos.

Relativamente às dimensões dos diferentes espaços, apesar de no parque grande (25 de Abril) existirem 2480 m<sup>2</sup>, o que é bastante espaço para as crianças pelo que deveria diminuir os comportamentos agressivos, não é o que se verifica pois no parque do Jardim de Infância com 214m<sup>2</sup>, verificaram-se menos comportamentos agressivos, quando não se verificou a presença de equipamentos móveis, pois com equipamentos móveis o número de comportamentos agressivos aumentou. Ou seja, através da experiência profissional, observámos que as crianças no parque mais pequeno e sem equipamentos juntam-se mais cooperam umas com as outras para criarem as suas brincadeiras de faz-de-conta, no mesmo parque com equipamentos, como estes existem em número reduzido as crianças disputam-nos o que faz com que aumente o número de comportamentos agressivos. No parque 25 de Abril que é o parque com maiores dimensões deveriam existir menos comportamentos agressivos, mas aconteceu o contrário, pois neste parque as crianças brincam muito ao faz-de-conta e existe sempre um “mau” e o que se verifica é que é sempre o mesmo passando de uma brincadeira a agressão sendo actos repetidos e voluntários. No que diz respeito aos comportamentos agressivos relativamente ao género, verificou-se que os agressores são 78.1% do género masculino e 21.9%, do género feminino e as vítimas 79.4% do género masculino e 20.6% do género feminino, ou seja, a prática de comportamentos agressivos é predominante entre rapazes mas também afecta com frequência as raparigas.

Concluindo, através deste estudo é possível verificar que apesar, de as crianças que frequentam o pré-escolar, serem crianças de faixa etária bastante reduzida, entre os três e os cinco anos, já se verifica a prática de comportamentos agressivos, embora não tão sistemáticos e não tão agressivos como em idades superiores, mas já se verificam pelo que devemos estar atentos. Logo, devemos lançar um olhar atento às crianças de faixas etárias mais reduzidas, tal como aos espaços de recreios existentes para estas, de forma a poder prevenir o bullying o mais cedo possível.

## RECOMENDAÇÕES GERAIS

Nas últimas décadas, a problemática da violência na escola tem sido objecto de olhares plurais, dos investigadores aos interlocutores mais directos, docentes, alunos e funcionários, passando pela comunidade em geral.

As características dos espaços exteriores, são na maior parte dos casos, nas escolas portuguesas, demasiado pobres ou com uma gestão e supervisão deficientes, aumentando como consequência a possibilidade e comportamentos anti-sociais, como o caso do bullying.

Os recreios são áreas algo desvalorizadas, de pequenas dimensões, de oferta reduzida quanto às oportunidades que oferecem de jogo, convívio, observação, modificação e manipulação da natureza.

É fundamental valorizar o papel dos recreios e para isso é necessário reinventar os recreios das escolas para prevenir o bullying: repensar a supervisão e o acesso a equipamentos móveis. Os espaços reduzidos, sem equipamentos de jogo, são espaços monótonos, aborrecidos, que parecem estar associados ao bullying (Pereira e tal., 2002)

Não basta tomar conhecimento e criticar os males da sociedade, torna-se extremamente relevante actuar, para tal existem vários melhoramentos possíveis nos recreios, tais como:

- a) diversificar a oferta dos espaços de recreio através da reorganização de diferentes áreas e equipá-las para o efeito;
- b) acessibilidade a equipamentos móveis que facilitem o jogo; em nº suficiente face ao nº de crianças
- c) supervisão dos espaços de recreio.

O acesso a equipamentos móveis de jogo e à supervisão são factores que parecem estar associados à redução dos comportamentos agressivos (Ferreira e Pereira, 2001; Marques, Neto e Pereira, 2001).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### B

Berger, K. S. & Thompson, A. R. (1996). The school years cognitive development. In: *The Developing Person: Through Childhood*, pp. 437-469, New York: Worth Publishing.

Bishop, J. C. & Curtis, M. (2001). *Play today in the primary school playground*. Buckingham and Philadelphia: Open University Press.

Bjorkqvist, K., Osterman, K. & Kaukainen, A. (1992). The development of direct and indirect aggressive strategies in males and females". In Kaj Bjorkqvist & Pirkko Niemela (eds) Orlando, Fla, Academic Press.

Blatchford, P. (1998). *Social life in school: Pupils experience of breaktime and recess from 7 to 16 years*. London: Falmer Press.

Boulton, M. & Smith, P. (1994). Bully/victim problems in middle-school children: Stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance. *British Journal of Developmental Psychology*, 12, 315-329.

Bowers, L. & Gabbard, C. (2000). *Risk Factor Two: Age appropriate design of safe playgrounds*. *Jopered*, 71 (3), 23-25.

### C

Carvalhosa, S., Lima, L., Matos, M. (2001). *Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português*. In *Análise Psicológica*, 4 (XIX): 523-537.

Cislaghi, K. M. F. (2002). *O Recreio Escolar e as Expectativas das Crianças*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento da Criança, apresentada ao Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos e à Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.

Crick, N. e Grotpeter, J. (1995). Relational aggression gender and social-psychological adjustment. *Child Development*, 710-722.

Crick, N.; Casas, J. & Ku, H. (1999). Relational and physical forms of peer victimization in preschool. *Development Psychology*, 376-385.

CUNHA, C. M. (1999) *Introdução – discutindo conceitos básicos*. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília.

## D

Decreto-Lei nº 379/97 de 27 de Dezembro (Parques Infantis).

## F

Factor, J. (2001). Three myths about children's folklore. In J. C. Bishop & M. Curtis (eds.) *Play today in the primary school playground* (pp. 24-36). Buckingham and Philadelphia: Open University Press.

Fernandes, O. S. (2006). *Criança no pátio escolar: a utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio*. Tese de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Ferreira, A. & Pereira, B. (2001). Os materiais lúdicos nos recreios e a prevenção do bullying na escola. In . Pereira A. P. Pinto (Coord.) *A escola e a criança em risco: Intervir para prevenir* (pp. 235-247). Porto: ASA.

Figueira, Israel. (2002) *Bullying – O problema de abuso de poder e vitimização de alunos em escolas públicas do Rio de Janeiro*. Tese de Mestrado em Desenvolvimento da Criança da Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

Fonzi, A.; Genta, M.; Menesini, E.; Bacchini, D.; Bonino, S.; Costabile, A. (1999) Europe - The Latin countries - Italy. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano and P. Slee (eds.) The Nature of School Bullying - A cross-national perspective, p. 140-156. London and New York: Routledge

Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures, Lusociência.

## G

Garcia, A. I. F. & Perez, G. Q. (1989). Violence, Bullying, and Counseling in the Iberian Península: Spain. In E. Roland & E. Munthe (Eds.). *Bullying: An International Perspective*. London: David Fulton.

## H

<http://repositorium.sdum.minho.pt/>

<http://www.efdeportes.com/efd90/recreio.htm>

<http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textosen/aeducaçãomotora>

Humphreys, A. P. & Smith, P. K. (1987). Rough and tumble, friendship, and dominance in schoolchildren: Evidence for continuity and change with age. *Child Development*, 58, 201-212.

## K

Kishimoto, T. M.(2001). (Organizadora). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*; 5. Editora São Paulo: Cortez.

Kishimoto, T. M.(2003). *Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação* (1ª edição de 1993). Petrópolis: Editora vozes.

## L

Labov, L. & Fanshell. A. (1977). *Academic ignorance and black intelligence*. Atlantic Monthly, 6, 59-67.

Lopes, L.(2006). *Actividade física, recreio escolar e desenvolvimento motor. Estudos exploratórios em crianças do 1º ciclo do ensino básico*. Tese de mestrado. Braga: Universidade do Minho – IEC.

Lopes, Luís (2007). *Actividade Física no Recreio Escolar. Estudo de Intervenção em crianças dos 6 aos 12 anos. 3º Seminário Internacional Educação Física, Lazer e Saúde – Novas Realidades, Novas Práticas*, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

## M

Marques, A. R. , Neto, C. e Pereira, B. O. (2001). Changes in school playground to reduce aggressive behavior. In Martinez, M (Ed.). *Prevention and control of aggression and the impact on its victims*. New York, Kluwer Academic/Plenum Publishers, 137-145.

Marques, A. R., Neto, C., Ângulo, J. C. e Pereira, B. (1999). Um olhar sobre o recreio, espaço de jogo, aprendizagem e alegria mas também de conflito e medo. In Precioso, J. et al, *Educação para a Saúde*. Departamento de Metodologia da Educação, Universidade do Minho, 552-560.

Marques, Amália; Neto, Carlos e Pereira, Beatriz (2001). Um olhar sobre o recreio, espaço de jogo, aprendizagem e alegria mas também de conflito e medo. *Indiscipline et Violence à l'Ecole*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação. (pp.552-560)

Ministério da Educação – Portal da Educação. Despacho nº 12 591/2006 (2ªsérie). [www.min.edu.pt/np3/1191.html](http://www.min.edu.pt/np3/1191.html). Site acedido em 4/4/2010.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Colecção Educação Pré-Escolar. Lisboa.

Moore, G.T. (1986). Effects of the spatial definition of behavior settings on children's behaviour: a quasi-experimental field study. *Journal of Environmental Psychology*, 6, 205-231.

Moreira, Sandra & Pereira, Beatriz (2007). As Actividades Lúdico-Desportivas nas Práticas de Lazer em Crianças do 1º Ciclo. 3º Seminário Internacional Educação Física, Lazer e Saúde – Novas Realidades, Novas Práticas, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho

## N

Neto, C. (1980). *O Espaço. A criação de um terreno de jogo*. *Ludens*, 4,2, 33-37.

Neto, C. (1995). *Motricidade e Jogo na Infância*. Rio de Janeiro, Editora Sprint.

Neto, C. (1997). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Neto, C. (2001). Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física. In M. G. Guedes (Ed.) *Aprendizagem motora: Problemas e contextos* (pp. 193-220). Lisboa: Edições FMH- UTL.

## O

O'Moore, Kirkham & Smith (1997). Bullying behaviour in Irish schools: a nationwide study. *The Irish Journal of Psychology*.141-169.

Olweus, D. (1993). *Bullying in schools: What we Know and what we can do*. Oxford: Blackwell.

Olweus, D. (2000). *Bullying at school*. Oxford: Blackweel Publishers, Ltd.

Ortega,R. & Ângulo, J. C. (1998). Violência Escolar. Su presencia en Institutos de Educácion Secundária de Andalucía. *Revista de Estudios de Juventud*, 42, 47-62. Seville, Spain & Lisbon, Portugal.

Otta, E. & Magalhães, C. M. (1995). Agressão em crianças: influência de sexo e de variáveis situacionais, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 11, nº1, p. 7-12, jan./abr.

## P

Pelegrinni, A. D. & Blatchford, P. (2000). *The child at school, Interactions with peers and teachers*, London: Arnold Publishers.

Pellegrini, A. D. & Smith, P. K. (1993). School Recess: Implications for Education and Development. *Review of Educational Research*, Spring.

Pellegrini, A. D. (1995). *School recess and playground behaviour – Educational & developmental roles*. New York, Albany: SUNY.

Pereira, B. (2008a). Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades In Pereira, Beatriz e Carvalho, Graça Simões (Coordenadoras) (2008). *Actividade Física, Saúde e Lazer. Modelos de Análise e Intervenção*. Lisboa, LIDEL, Edições Técnicas, Lda.

Pereira, B. (2008b). (Coordenadora). *Estudo de caracterização dos Recreios Escolares com vista à sua requalificação*. Relatório final do Projecto. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança.

Pereira, B. e Neto C. (1994). O Tempo Livre na Infância e as Práticas Lúdicas Realizadas e Preferidas. *Revista Ludens* vol. 14 \* Nº 1 JAN.-MAR. 35-41.

Pereira, B. O. & Pinto, A. P. (1999). *Dinamizar a Escola para prevenir a violência entre pares*. Separata da Revista Sonhar. APPACDM. Braga

Pereira, B. O. (1997). *Estudo e Prevenção do Bullying no Contexto Escolar. Os recreios e as Práticas Agressivas da Criança*. Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança.

Pereira, B. O. (1999). Os tempos livres na escola, os recreios e a prevenção das práticas agressivas. In Precioso, J. et al , *Educação para a Saúde*. Departamento de Metodologia da Educação, Universidade do Minho, 361-376.

Pereira, B. O. (2002). *Lazer e Educação na Infância. Pensar os espaços de recreio*. In Carvalho, J. E. Transversalidade e Novas Tecnologias. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 19-32.

Pereira, B. O. (2005). *Do Desporto ao Lazer. Oferta dos Espaços Lúdicos. Desportivos, Culturais e Verdes no Norte de Portugal*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal. Edição em CD-ROM.

Pereira, B. O. (2006). “*Caracterização da Oferta Pública de Parques Infantis*”. In Pereira, B. O. e Carvalho, G. S. (coordenação). *Actividade Física Saúde e Lazer. A Infância e Estilos de Vida Saudáveis*. Lisboa: LIDEL, 3-18.

Pereira, B. O. (2008c). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.

Pereira, B. O. e Pinto, A. P. (coords). (2001). *A escola e a criança em risco. Intervir para prevenir*. In Ana Ferreira e Beatriz Pereira. Os materiais lúdicos nos recreios e a prevenção do bullying na escola. Porto, ASA Editores, Colecção em Foco. 235-247.

Pereira, B., Almeida, A., Valente, L. & Mendonça, D. (1996). O Bullying nas escolas portuguesas: Análise e variáveis fundamentais para a identificação do problema. In Almeida, L.; Silvério, J. e Araújo, S. (Org.) *Actas do 2º Congresso Galaico-Português de Psico-Pedagogia* (pp. 71-81). Universidade do Minho, Braga.

Pereira, B., Neto, C., Smith, P. K. & Angulo J. C. (2002). *Reinventar los Espacios de Recreo*. Prevenir los comportamientos agresivos. *Cultura y Educación* 14. 297-311.

Pereira, B.; Neto, C.; Smith, P. (2003). *Os Espaços e Recreio e a Prevenção do Bullying na Escola*. In Neto, C. (ed.) “Jogo & Desenvolvimento da Criança”. Lisboa: Edições da Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa. 238-257.

Pereira, Beatriz (2001). A violência na escola – formas de prevenção. In *A escola e a Criança em Risco. Intervir para Prevenir*, by Pereira, Beatriz e Pinto, Adelina. Fevereiro de 2001. 1ª Edição (pp.17 – 30). Edições ASA. Porto

Pereira, Beatriz (2006). The Nursery School Playground: How to Improve it With Toys. *Journal of the European Teacher Education Network (JETEN)*. vol.2, n.2. (pp.57-66).

Pimentel, J. (1995). *Os dados psicológicos, espaço e seu significado no desenvolvimento da criança segundo H.Wallon*. *Ludens*, 09, 03, 39-43.

## Q

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa (4ªed.), Gradiva.

## R

Roland, E. & Munthe, E. (eds) (1989). *Bullying: An International Perspective*. London: David Fulton.

## S

Salmivalli, C., Huttunen, A. & Lagerspetz, K. (1997). Peer networks and bullying in schools. *Scandinavian Journal of Psychology*, 38, 305-312.

Santos, A. R. (1999). *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. Rio Janeiro: DP&A.

Seixas, S. R. (2009). Diferenças de género nos comportamentos de bullying: contributos da neurobiologia. *Interações*. N° 13, pp. 63-97. Disponível em <http://www.eses.pt/interacções> em 25/03/2010.

Seixas, S. R. (2009). Diferentes olhares sobre o fenómeno bullying em contexto escolar. *Interações*. N° 13, pp. 1-9. Disponível em <http://www.eses.pt/interacções> em 26/03/2010.

Sharp, S. & Smith, P. K. (1994). *Tackling Bullying in your school. A practical handbook for teachers*. London and New York. Routledge.

Smith P. K. & Lewis, K. (1985). Rough-and-tumble play, fighting and chasing in nursery school children. *Ethology and Sociobiology*, 6, 175-181.

Smith, P. & Morita, Y. (1999). *The nature of school bullying. Introduction*. In Smith, P. K.; Morita, Y.; Junger-Tas, J.; Olweus, D.; Catalano, R. & Slee, P. (Eds.). *The nature of school bullying: A cross national perspective*. London: Routledge. 1-4.

Smith, P. (1997). Lutar a brincar e brincar a sério: Perspectivas sobre a sua relação. In C. Neto (ed.), *Jogo & Desenvolvimento da Criança* (pp.23-31). Lisboa: Edições FMH.

Smith, P. (2003). *Violence in Schools: The response in Europe*. London and New York: Routledge Falmer.

Smith, P. K. & Conolly, K. J. (1980). *The ecology of preschool behavior*. Cambridge: Cambridge University Press.

Smith, P. K. (1980). *The ecology of preschool behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press.

## T

Thomson, Sarah (2005). 'Territorialising' the primary school playground: deconstructing the geography of playtime. *Children's Geographies*. Vol.3, Issue 1 (63-78).

Train, A. (1997). *Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis*. Coleção Educação Especial, Campinas, SP: Papirus.

## W

Whitney, I. & Smith, P. K. (1993). A Survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, 35,17, 3-25.

With, Helen; Armitage, Marc; Bishop, Julia and Ginsborg, Jane (2006). Together: Good Practice with Respect to the Inclusion of Disabled Children in Primary School Playgrounds. *Children's Geographies*. Vol.4, Issue 3, December. (pp. 303-31

# **Anexos**

## Anexo 1 – Ficha de levantamento de recursos – Espaços Lúdicos.

### **I. Descrição Geral**

Concelho: \_\_\_\_\_ Freguesia: \_\_\_\_\_ Meio Urbano   
Suburbano   
Rural

Nome do espaço: \_\_\_\_\_ Tipo de espaço: \_\_\_\_\_ Ano construção: \_\_\_\_\_

**1. Proprietário**  Câmara  Junta de Freguesia  
 Associação recreativa ou clube desportivo  Outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 Instituição de Solidariedade Social

**2. Gestão**  Câmara  Junta de Freguesia  
 Associação recreativa ou clube desportivo  Outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 Instituição de Solidariedade Social

**3. Localização**  Área Desportiva  Área Residencial  Área Comercial  
 Área Escolar  Zona Verde  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**3.1. Posicionamento em relação à rede de circulação**  Zona de trânsito intenso  Zona de pouco trânsito  
 Associação recreativa ou clube desportivo  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**4. Dimensões** Área útil: \_\_\_\_\_ Área total (área útil+área livre): \_\_\_\_\_

- 5. Mobiliário e Instalações de apoio**
- Caixotes do Lixo       1ºs socorros       WC
- Balneários       Telefone       Outro. Qual? \_\_\_\_\_
- Bancos       Iluminação

- 6. Tipo de piso**
- Terra ou solo estabil       Areia ou saibro       Madeira
- Cimento ou betão       Sintético       Outro. Qual? \_\_\_\_\_

- 7. Materiais dos Equipamentos**
- Ferro       Madeira
- Sintético       Outro. Qual? \_\_\_\_\_

- 8. Existe vedação?**       Sim       Não

- 8.1. Se existe vedação, de que material é feita?**
- Arbusto       Rede
- Cimento/Pedra       Madeira

## ***II. Funcionamento, Manutenção e Segurança***

- 9. Período de funcionamento:**       Todo o ano       Sazonal

- 10. Horário de funcionamento:**       Está sempre aberto
- Tem horário definido
- {
 

Semana
Fim-de-semana

- 11. O espaço está em pleno funcionamento, em obras, em construção ou encerrado?**
- Em pleno funcionamento
- Em obras
- Em construção
- Encerrado

**Se não se encontra em pleno funcionamento, passe para a questão 13**

<b>12. Conservação:</b>	Boa	Razoável	Má
Apreciação global.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Equipamentos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Solo e superfície de impacto.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vedações.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mobiliário e instalações de apoio.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Condições de higiene e sanitárias.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**13. N° de acidentes ocorridos:** |\_|\_| Ligeiros |\_|\_| Graves |\_|\_| Sem informação

**14. Há animadores ou monitores?**  Sim  Não

**15. Existe vigilância?**  Sim. Por quem? \_\_\_\_\_  Não

**16. Segurança:** Há indicações escritas?  Sim  Não

**17. Existe um livro de reclamações?**  Sim  Não

**18. Seguro e responsabilidade civil:**  Sim. Qual o valor? \_\_\_\_\_  Não

### ***III. Utilização***

**19. Meio de Transporte predominante no acesso às instalações**  A pé  Transporte público  
 Automóvel  Outro. Qual?  
 \_\_\_\_\_

**20. As instalações têm acessos adequados a crianças com deficiências motoras?**

Sim  Não  Sem informação

**21. Principais utilizadores:**

Público em geral nos tempos livres  Associações e clubes  Escolas  Outros. Quais?  
 \_\_\_\_\_

**21.1. Período de utilização predominante:**

Todo o ano  Sazonal  
 Toda a semana  Fim-de-semana

**22. Tipo de utilização predominante:**

Lazer Espontâneo

Lazer orientado

Formação

Treino/competição

#### ***IV. Apenas para Espaços Específicos***

##### ***IV.1 Parques Recreativos***

**23. Que tipo de espaços inclui?**

Parque infantil

Parque radical

Parque desportivo polivalente

##### ***IV.2 Parques Infantis***

**24. Nº de equipamentos existentes**

|\_|\_| Baloços    |\_|\_| Balancés    |\_|\_| Escorregas

|\_|\_| Carrosséis    |\_|\_| Escadas de suspensão    |\_|\_| Escadas de trepar

|\_|\_| Paredes de escalada    |\_|\_| Outros. Quais?  
\_\_\_\_\_

**25. Superfície de Impacto**

Terra ou solo estabil

Areia ou saibro

Relva

Cimento ou betão

Sintético

Outro. Qual?  
\_\_\_\_\_

**Data:**

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Entrevistado:**

\_\_\_\_\_

**Função:**

\_\_\_\_\_

*Adaptado "Do Desporto ao Lazer. Oferta dos Espaços Lúdicos, Desportivos, Culturais e Verdes no Norte de Portugal." Beatriz Oliveira Pereira (coord.)*

## **Anexo 2 – Autorização para a realização da tese.**

Ana Paula Fidalgo Rodrigues  
Mestranda em Educação Física e Lazer  
Telm. 963169775  
E.mail: anapaula\_rodrigues5@hotmail.com

Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Presidente do  
Agrupamento de Escolas de Constância

**Assunto:** Autorização para realização de uma tese de mestrado que visa verificar se existem comportamentos agressivos, em contexto pré-escolar, no Jardim de Infância de Montalvo.

Solicita-se a V. Exa. a autorização para realizar observações directas e gravações nos recreios das crianças a frequentar o Jardim de Infância de Montalvo ano lectivo 2007/2008.

Caso a resposta seja positiva, serão entregues também autorizações aos Pais para que permitam a gravação das crianças, nos recreios, este estudo manterá o anonimato das crianças.

Este trabalho, insere-se no âmbito do Mestrado da Educadora de Infância Ana Paula Rodrigues, com o objectivo de realizar uma investigação de cariz descritivo de pendor mormente qualitativo. Este estudo será sempre no sentido de perceber e melhorar um dos espaços de eleição das crianças, *o recreio*.

Atenciosamente,

Ana Paula Fidalgo Rodrigues

*Montalvo, 2007*

### **Anexo 3 – Autorização para realização da tese.**

Ana Paula Fidalgo Rodrigues  
Mestranda em Educação Física e Lazer  
Telm. 963169775  
E.mail: anapaula\_rodrigues5@hotmail.com

Exmo. Sr.  
Coordenador do Jardim de Infância de Montalvo

**Assunto:** Autorização para a aplicação de um questionário nos intervenientes educativos.

Solicito autorização para aplicar o questionário Teacher Nomination com o intuito de perceber qual a percepção das educadoras, podendo desta forma identificar as crianças que parecem vítimas, agressoras e as que normalmente não se envolvem em conflitos. Pretende-se que se aplique o questionário a todas as educadoras. Este questionário será tratado e apresentado à escola em reunião com todos os intervenientes, caso revelem interesse na apresentação. Este vosso contributo fará parte integrante de provas de Mestrado da Educadora Ana Paula Rodrigues.

Atenciosamente,

Ana Paula Fidalgo Rodrigues

#### **Anexo 4 – Folha de Reunião de Pais**

Jardim de Infância de Montalvo

*Mestrado em Educação Física e Lazer*

*Agressividade em crianças: um estudo em contexto Pré-Escolar*

**Reunião de Pais (Encarregados de Educação):** 7 de Setembro de 2007

**Objectivo:** Apresentação do Projecto de Tese

Para a realização deste estudo, a mestranda, Ana Paula Rodrigues, necessita de recolher dados sob a forma de entrevistas gravadas em rádio e gravações vídeo, das crianças em espaço de recreio, dados esses que serão apenas para uso do mestrando e sempre mantendo o anonimato da criança.

#### **Aprovação por parte dos Encarregados de Educação:**

<u>Nome do Encarregado de Educação:</u>	<u>Nome do Aluno:</u>

## Anexo 5 – Questionário Teacher Nomination

**Escola:** \_\_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

Pensando nos seus alunos e nos problemas que acontecem com frequência na sua turma. Ficamos gratos por responder a este questionário:

A) Quem dos alunos da sua turma é **agressivo fisicamente** (bate, dá pontapés, empurra, prega rasteiras aos outros)?

---

---

B) Quem dos alunos da sua turma é **agressivo verbalmente** (grita, insulta, chama nomes, ou chateia os outros)?

---

---

C) Quem dos alunos da sua turma é **agressivo indirectamente** (conta mentiras e diz coisas más nas costas do outro, ou tenta fazer com que não gostem de alguém)?

---

---

D) Quem dos alunos da sua turma é **vítima física** (normalmente apanha murros, pontapés ou empurrões)?

---

---

E) Quem dos alunos da sua turma é **vítima verbal** (é ameaçado, insultado, chamam-lhe nomes ou gozam com ele)?

---

---

F) Quem dos alunos da sua turma é **vítima indirecta** (é ignorado completamente, contam mentiras sobre ele levando a que outros não gostem dele ou não o deixam fazer parte do seu grupo de amigos)?

---

---

G) Quem dos alunos da sua turma procura resolver os seus problemas com os outros de forma que ninguém se magoe ou fique triste, por exemplo acalmando a situação ou falando sobre os problemas (**Resolução Construtiva** do Conflito)?

---

---

H) Quem dos alunos da sua turma se vai embora quando tem problemas com os outros (**Retirada** do Conflito)?

---

---

I) Quando os alunos da sua turma têm problemas, quem se junta ao colega que está a fazer mal ao outro (Intervenção de terceiros "**Apoio ao Agressor**")?

---

---

J) Quem dos alunos da sua turma têm problemas, quem ajuda o colega que está a ser agredido (Intervenção de terceiros "**Apoio à vítima**")?

---

---

K) Numa situação de agressão, quais são os alunos da sua turma que ficam quietos e calados, sem fazer nada ( Não Intervêm “**Observadores**”)?

---

---

L) Qual é o local da escola onde habitualmente acontecem os problemas (Local do conflito)? Pode assinalar uma ou mais respostas.

- 1) Na sala de aula.
- 2) Nos corredores e saídas da escola.
- 3) No recreio.
- 4) Na casa de banho.
- 5) No refeitório ou na fila para a cantina.
- 6) Em outro lugar da escola. Por favor escreva qual: \_\_\_\_\_

---

**Teacher Nomination Questionnaire (Angulo & Neto, 2001), adaptado de instrumentos prévios (Björkvist & Östermam, 1992 e Ortega, 1999).**

## Anexo 6 – Guião para as entrevistas das crianças.

### *Questionário de Nomeação de Pares*

Escola: \_\_\_\_\_

Sexo:  F Nome: \_\_\_\_\_

M Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

#### **GRUPO I**

1) Quem dos teus amigos bate? \_\_\_\_\_

2) Quem dos teus amigos dá pontapés? \_\_\_\_\_

3) Quem dos teus amigos empurra? \_\_\_\_\_

4) Quem dos teus amigos prega rasteiras? \_\_\_\_\_

5) Quem dos teus colegas grita? \_\_\_\_\_

6) Quem dos teus colegas chama nomes? \_\_\_\_\_

7) Quem dos teus colegas chateia os outros? \_\_\_\_\_

8) Quem dos teus amigos conta mentiras? \_\_\_\_\_

9) Quem dos teus amigos diz coisas más? \_\_\_\_\_

10) Quem dos teus amigos tenta fazer com que não gostes de um amigo? \_\_\_\_\_

---

11) Quando os colegas têm problemas, quem se junta ao amigo que esta a fazer mal aos outros? \_\_\_\_\_

#### **GRUPO II**

12) Quem dos teus amigos apanha empurrões? \_\_\_\_\_

13) Quem dos teus amigos apanha pontapés? \_\_\_\_\_

14) Quem dos teus amigos apanha murros? \_\_\_\_\_

15) Quem dos teus amigos chama nomes? \_\_\_\_\_

16) Quem dos teus amigos goza com os outros? \_\_\_\_\_

17) Quem dos teus amigos é ignorado, contam mentiras sobre ele, fazendo com que outros não gostem dele? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

18) Quem dos teus amigos é posto à parte, pois não o deixam fazer parte do grupo? \_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### **GRUPO III**

19) Quem dos teus amigos procura resolver os seus problemas com os outros para que ninguém fique triste? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

20) Quem dos teus amigos se vai embora quando tem problemas com os outros? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

21) Quando os amigos têm problemas, quem ajuda o amigo que está a ser mal tratado?  
\_\_\_\_\_

22) Numa situação em que um amigo está a fazer mal a outro (agressão), quem são os amigos que ficam quietos e calados sem fazer nada? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

23 ) Qual é o local onde habitualmente ocorrem os problemas?

A) Sala de Actividades

B) Recreio

C) Casa de Banho

D) Outro lugar:  
\_\_\_\_\_


*Questionário adaptado: Peer Nomination Questionnaire (Ângulo & Neto, 2001), adaptado de previous instruments (Björkvist & Östermam, 1992 e Ortega & Ortega, 1999)*

**Anexo 7 – Grelha de registo de minuto a minuto.**

Idade:	Nome: CD – A	C.A.
Parque:		Nº Crianças Presentes:
0-1min		
1-2min		
2-3min		
3-4min		
4-5min		
5-6min		
6-7min		
7-8min		
8-9min		
9-10min		
10-11min		
11-12min		
12-13min		
13-14min		
14-15min		
15-16min		
16-17min		
17-18min		
18-19min		
19-20min		

**Anexo 8: Respostas dos Questionários às Educadoras.**

<b>Respostas dos Questionários às Educadoras</b>											
	Agressivo fisicamente	Agressivo Verbalmente	Agressivo Indirectamente	Vítima Física	Vítima verbal	Vítima Indirecta	R.C. Problema	R. C.	Apoio Agressor	Apoio Vítima	Observadores
AM5F		1	1	1	1	1					
JL5M									1	1	
PL5M				1					1	1	
RI5M	1								2		
MB5F								1			2
GI5M	1								2	2	
ME5F			1	1	1						
JC4M	2	1			1	1			1		
DI4M				1		1					
MI4M									1		1
JE4F	1	1						1			
AL5F							1				1
GU5M	1	1				1					
AS4M			1				1				
VI4M	1								1		
BE3M	2	2									
MS3F	1	1		1	1		2			1	
BA3F			2								
NL3M					1	1					
YU5F											2
BJ3F											1

### Anexo 9: Resultados das Entrevistas às crianças.

Resultados das Entrevistas às Crianças																						
	Quem bate	Dá pontapés	Quem empurra	Prega Rasteiras	Quem grita	Chama nomes	Quem chateia os outros	Quem conta mentiras	Quem diz coisas más	Quem faz c/ Q não gostes de outros	Quem se junta p/ fazer mal	Apanha empurrões	Apanha pontapés	Apanha murros	A quem chamam nomes	Quem goza com outros	Quem é ignorado	Quem é posto á parte	Quem procura resolver os problemas	Quem se vai embora	Quem ajuda os maltratados	Quem fica quieto s/ fazer nada
AM5F	2	2	3	1	1	2	2	1	1	1	3		1	2		1	1	4	1	1		2
JL5M	1	1	1	1	2		2	1			1		1					2	1	2	2	1
PL5M	1	2	1	1	2	2	2	1	1	1		1	1	2	1		1	1	2	2	3	
RI5M	1						1				2	3		1	1	1			1		1	1
MB5F																			1	1		
GI5M	4	3	2			1	1	2	1	1	1	2	2	1	2		1	1		1	2	3
ME5F					1			2		1		1	1			1			1			1
JC4M	1	3	4	2	5	2		2	4	1	1		1	1	2	3				1		1
DI4M																						
MI4M			1																			
JE4F				1		2		1	1			1				1			1	1	1	
AL5F	1	1				1			1		1			1	1			1			1	
GU5M	3	2	2	1	1	2	1	3	2			2	2	2	2	2						1
AS4M					1							1	1	1	1		2	1		1	1	
VI4M			1			1		1		1	2						1					1
TI3M		1																				
RI3F							1															
GP3M												1	1	1	1	1	1					
LE3F	1																					
SO3F													1									

## **Anexo 10 – Episódios agressivos observados em cada sessão e em cada um dos diferentes parques.**

### DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS AGRESSIVOS OBSERVADOS NO PARQUE DO JARDIM DE INFÂNCIA SEM EQUIPAMENTOS MÓVEIS:

**Filme 1** – AS4M encosta-se à parede a receber ordens do PL5M, a certo momento AS4M diz que não quer ir para uma equipa e é empurrado pelo PL5M e JL5M, depois PL5M bate novamente na cabeça e no chapéu de AS4M.

AS4M fica sentado a observar PL5M, depois jogam ao jogo das estátuas (quem estiver parado mais tempo ganha), no qual AS4M goza e mexe-se de propósito.

Encontram-se todos encostados á parede a receber ordens do PL5M. Quando AS4M prende PL5M agarrando-o PL5M tira-lhe o chapéu e empurra-lhe a cabeça para baixo, e AS4M para se defender dá-lhe pontapés.

**Filme 2** – AM5F finge ser um monstro (faz-de-conta) correndo atrás da BJ3F e do MI4M, depois empurra AS4M fingindo ser um monstro. NL3M empurra AM5F fingindo ser um monstro e esta queixa-se magoada.

AM5F anda pelo parque de mão dada a conversar com ME4F, depois vai sentar-se no degrau zangada porque os rapazes não a deixam participar na brincadeira e por a estarem a excluí-la.

Como os rapazes não a deixam entrar na brincadeira AM5F, levanta-se e vai brincar para o ferro, e ao ver PL5M, que não a deixou brincar chama-lhe “maricas”, entretanto JL5M quer ir brincar também para o ferro e como também foi um dos que a excluiu da brincadeira AM5F empurra-o e ele empurra-a também, mas AM5F não se fica e volta a empurrá-lo com força e depois vai para o ferro e grita com JL5M.

**Filme 3** – JE4F corre pelo parque e bate sem querer numa criança que caí para o chão, ajuda-a a levantar-se e começa novamente a corre pelo parque onde é empurrada pelo RI5M, caindo para o chão. JE4F levanta-se e empurra RI5M e começa novamente a correr pelo parque. RI5M agarra-a e aperta-a bruscamente (10:44) e JE4F empurra-o.

JE4F brinca sentada no chão, depois é vítima de três meninos (RI5M, DI4M e GI5M), que lhe batem na cabeça, então levanta-se e corre para junto da educadora provocando os amigos que lhe bateram. Inicialmente as crianças envolvidas nesta situação fingiam

estar a brincar a lutas, mas GI5M e RI5M exageraram na força e JE4F queixa-se que a estão a magoar.

De seguida, JE4F corre pelo parque e vai sentar-se a observar o grupo de meninos, depois levanta-se novamente e começa a andar pelo parque e é outra vez empurrada pelo grupo de meninos.

**Filme 4** – MB5F é empurrada com força por JC4M (9:50) sem motivo aparente, mas continua a andar pelo parque indo sentar-se junto a GI5M que está sentado “a pensar (castigo)”, porque deu um estalo no JC4M, quando este o empurrou e MB5F, senta-se junto a GI5M e fica a conversar com ele.

RI5M dá um belisco a JE4F e esta chora magoada (15:45), MB5F vê e vai ter com JE4F e dá-lhe a mão.

**Filme 5** – PL5M alinha os amigos na parede e dá-lhes ordens como comandante, depois empurra AS4M por ele não fazer o que ele diz, e dá-lhe palmadas no chapéu (7:07).

De seguida, PL5M anda pelo parque a comandar os amigos e empurra GI5M porque ele não faz o que ele quer e expulsa-o do jogo.

**Filme 6** – RI5M anda pelo parque e empurra ME5F (1:40), duas vezes que se queixa (1:52) e depois dá uma palmada a RI5M.

ME5F e AM5F, fingem estar prisioneiras na brincadeira, RI5M conversa com PL5M e depois vai e agarra AM5F pelo braço e esta queixa-se que a está a magoar (8:38) e foge, depois RI5M caminha pelo parque e ao ver VI4M a agarrar PL5M, agarra bruscamente VI4M

ME5F, brinca no chão e RI5M atira-se para cima dela (10:33), ME5F grita magoada e RI5M corre pelo parque fingindo que não se passou nada. Depois volta a agarrar a AM5F bruscamente e finge apontar uma pistola fazendo o gesto com os dedos á cabeça de ME5F e agarra-a também e mais uma vez esta se queixa (11:31). RI5M continua e desaperta os atacadores à ME5F rindo-se do que fez, depois corre atrás dela que foge para junto da educadora e RI5M constrangido, começa a correr pelo pátio, indo falar com MI4M.

Depois anda pelo parque mas aos 13:40 mais uma vez agarra ME5F bruscamente e esta mais uma vez se queixa.

RI5M conversa com PL5M e AM5F, depois corre pelo pátio e agarra novamente ME5F bruscamente fingindo prende-la. ME5F beija-o e ele dá-lhe pontapés e empurra-a (15:52).

RI5M brinca com VI4M às lutas mas agarra-o bruscamente, depois continuam e fingem lutar, AS4M e DI4M juntam-se à brincadeira RI5M fica tão empolgado com a brincadeira que agarra VI4M bruscamente pela cabeça magoando-o e este chora (17:53).

Contudo, voltam a brincar às lutas os quatro. RI5M agarra o gorro do VI4M e enfia-lho na cabeça, fingem lutar, RI5M agarra VI4M bruscamente e continuam a fingir brincar às lutas. RI5M magoa novamente VI4M na boca e este chora (20:14), RI5M ao ver VI4M chorar fica atrapalhado e faz macacadas para o VI4M. Continuam o jogo de luta e novamente RI5M agarra bruscamente VI4M.

**Filme 7** – VI4M corre atrás dos amigos pelo parque depois deita-se no chão a mando do GI5M e este tira-lhe o chapéu e atira-o para o chão.

VI4M corre pelo parque indo ter com um grupo de meninos que combina uma brincadeira, mas senta-se no chão e fica a observá-los sozinho (Exclusão).

**Filme 8** – GI5M, agarra sistematicamente BE3M com força e este queixa-se e GI5M só pára quando a educadora intervêm.

Como JC4M, quer participar na brincadeira e GI5M não quer que ele participe empurra-o (Exclusão) zangado e vai encostar-se á parede a ouvir PL5M, que lhes diz para marcharem pelo parque.

Como quando vai a marchar GI5M fica sozinho, ralha e grita com os amigos e diz que não quer jogar, contudo vai encostar-se novamente á parede a ouvir PL5M.

GI5M observa uma abelha, depois conversa com os amigos e sem nenhuma razão aparente grita com RI3F e corre atrás dela.

**Filme 9** – JC4M anda pelo parque a tentar conversar com JL5M, mas este não lhe liga nenhuma (Exclusão) e empurra-o por ele sempre andar atrás dele.

Novamente, JC4M corre pelo pátio atrás de um grupo de crianças (PL5M, JL5M, GI5M e AS4M), mas é ignorado (Exclusão) por todos e então JC4M vai apanhar laranjinhas do chão e conversa com FL3M.

JC4M brinca com um pauzinho e AS4M parte-lho zangado JC4M bate-lhe.

JC4M vai contra a estagiária sem razão nenhuma aparente, vê que a magoa e ri-se, depois senta-se ao lado dela. Levanta-se, corre pelo parque e vai novamente contra a estagiária de propósito.

JC4M aperta a camisola bruscamente a RI5M sem motivo nenhum depois corre pelo parque.

**Filme 10** – JL5M conversa em grupo e anda pelo parque, depois encosta-se à parede a ouvir PL5M ditar as regras do jogo que o empurra para a parede quando JL5M não o está a ouvir e então JL5M fica a ouvir PL5M.

DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS AGRESSIVOS OBSERVADOS NO PARQUE 25 DE ABRIL COM EQUIPAMENTOS FIXOS:

**Filme 1** – AS4M corre pelo parque, sobe escadas do escorrega, e é puxado pelo JL5M sistematicamente.

AS4M está preso na casa de madeira e queixa-se que o estão a magoar, porque o estão a prender.

AS4M grita com DI4M e observa-o da ponte depois desce-a e dá um pontapé a DI4M que para ele é o “mau” da brincadeira, contudo DI4M queixa-se.

De seguida AS4M, observa os amigos fazerem mal a DI4M (PL5M atira-lhe com o boné para o chão).

Aos 12 minutos AS4M corre para a ponte, fingindo disparar para contra DI4M depois corre e desce a ponte indo atrás do DI4M que foge, mas AS4M consegue dar-lhe um pontapé fugindo depois. Corre pelo parque e novamente dá um pontapé a DI4M que lhe diz "Pára", e AS4M foge sorrindo e sobe para a ponte a observar DI4M.

Aos 14 minutos AS4M observa DI4M, depois anda pelo parque a observar o GI5M a empurrar o DI4M que se queixa mais uma vez e chora. A educadora acaba por intervir para que parem de magoar o DI4M.

AS4M pendura-se por baixo do escorrega e baloiça-se a observar PL5M a empurrar GI5M, depois corre atrás deles e fazem equipas para o jogo. GI5M empurra o DI4M.

AS4M esconde-se por baixo do escorrega a observar os amigos brincarem aos monstros, grita e anda pelo parque GI5M agarra-o e AS4M queixa-se.

Depois, AS4M sobe para a ponte onde fica a observar os amigos, desce a ponte e anda pelo parque ao tentar subir a ponte, GI5M empurra-o e AS4M queixa-se à educadora.

**Filme 2** - AM5F brinca no cimo do escorrega e discute com outra criança dizendo "Eu contigo converso depois".

Aos 8 minutos brinca e dança nas escadas, depois empurra PL5M para subir as escadas para o escorrega. Aos 11 minutos empurra PL5M para passar novamente nas escadas.

**Filme 3** – GI5M aos 2 minutos empurra AS4M para subir as escadas da ponte. De seguida, corre e dá um pontapé a AS4M e atira-o ao chão duas vezes.

Entre os 7 e os 8 minutos GI5M, grita zangado com PL5M por causa das equipas.

Por volta dos 10 minutos e 50 segundos GI5M combina um jogo com os amigos, mas GI5M grita com RI5M porque não aceita as regras do jogo. GI5M grita novamente (11:50) com RI5M por não concordar com as regras do jogo.

**Filme 4** – JE4F desce escorrega e corre pelo parque, depois aperta uma amiga com força na barriga para a apanhar e esta queixa-se (3:42- Abuso de força).

Por volta dos 8/9 minutos JE4F brinca no bebedouro com areia, como BE3M quer agarrar na alavanca do bebedouro JE4F empurra-o duas vezes e BE3M chora e empurra-a também e JE4F cai ao chão, mas esta levanta-se e continua a por areia no bebedouro.

Entre os 11 e os 12 minutos JE4F vai sentar-se no comboio de madeira, de seguida vai novamente brincar com areia para o bebedouro. JC4M empurra JE4F porque quer a alavanca do bebedouro, ela empurra-o e ele dá-lhe um murro na cara (12:11), JE4F vai queixar-se à educadora dizendo "não estava a fazer nada e levei um murro", depois vai novamente brincar para o bebedouro e brinca com JC4M.

**Filme 5** – Entre os 16 e os 17 minutos JC4M começa a apanhar areia e atira-a para o ar. VI4M atira-lhe com ervas secas e JC4M atira-lhe com areia (11:20), atiram ambos areia um ao outro e JC4M acaba por sair a correr pelo parque.

**Filme 6** – Aos 2 minutos de gravação JL5M empurra AS4M, dizendo que é o guardião da ponte, AS4M chateia-se e vai-se embora. AS4M agarra-o, JL5M não gosta e empurra-o.

JL5M observa os amigos, depois vai junto de DI4M e empurra-o sem razão (10:45).

JL5M salta na ponte, como DI4M abana a ponte JL5M tenta dar-lhe um pontapé, depois DI4M continua abanar a ponte e JL5M dá-lhe um pontapé (12:30).

JL5M não deixa DI4M subir para a ponte metendo-se à sua frente, como este consegue passar JL5M puxa-lhe a camisa, mas pára porque a educadora lhe chama a atenção.

DI4M agarra areia para atirar (14:20) a JL5M, mas como este se queixa à educadora DI4M deita-a para o chão.

JL5M está no patamar do escorrega a observar os amigos e chama "maricas" (17:35) ao AS4M por ele não fazer o que lhe manda. Depois vai para a ponte DI4M aproxima-se, e JL5M tira-lhe o boné e atira-o para a areia (17:53). Seguidamente continua a observar os amigos da ponte e chama novamente "maricas" a AS4M (18:22) dizendo que AS4M é um "chourição maricas" (18:28).

Por fim entre os 19 e os 20 minutos observa os amigos do patamar do escorrega e empurra AS4M pelo escorrega dizendo "vai lutar salsichão".

**Filme 7** – Na gravação do filme a MB5F não se verificaram comportamentos agressivos.

**Filme 8** – Ao primeiro minuto de gravação PL5M conversa com amigos no patamar do escorrega e chama-lhes "mariquinhas", por terem medo de descer o ferro.

Entre os nove e os doze minutos ocorrem vários comportamentos, primeiro PL5M senta-se no comboio e chama os amigos, depois foge a correr de DI4M subindo as escadas para a ponte, depois desce e empurra DI4M sem motivo nenhum aparente, apenas porque diz que DI4M é o "mau" da brincadeira.

PL5M sobe e puxa a camisola de RI5M por ele não fazer o que ele quer. Tira o boné ao DI4M e atira-o para o chão duas vezes (11:08).

Como JL5M não faz o que PL5M quer, este diz-lhe que já não joga (Exclusão).

Entre os catorze e os quinze minutos PL5M anda pela ponte e diz aos amigos "para guardarem o castelo", depois manda-os embora. Saí pela ponte, corre pelo parque e empurra RI5M sem nenhuma razão aparente.

**Filme 9** – Entre os treze e os catorze minutos RI5M anda pela ponte, fingindo lançar a teia do homem aranha (imita o gesto com os dedos) a DI4M, depois desce pela ponte e corre atrás de deste com mais quatro amigos quando consegue apanhar DI4M agarra-o bruscamente e empurra-o pela cabeça.

Por volta dos dezasseis minutos de gravação, RI5M corre pelo parque atrás de DI4M fingindo estar a lançar a teia do homem aranha, de seguida empurra DI4M e este cai e queixa-se, depois RI5M conversa com ele .

RI5M está a observar os amigos, depois desce pelas escadas e vai ter com DI4M que se esconde atrás de uma árvore, brincam á “apanhada”, RI5M agarra DI4M bruscamente e este queixa-se.

Também nesta gravação foi possível observar, GI5M bater no DI4M bruscamente, a mando de JL5M. A educadora intervêm, chamando a atenção a GI5M e ao JL5M, enquanto DI4M chora magoado.

**Filme 10** – VI4M foge de DI4M, depois sobe para a ponte e este agarra-o por uma perna, VI4M queixa-se e ao fim de algum tempo solta-se (12:12), zangado vai queixar-se á educadora do que DI4M lhe fez, apesar de RI5M intervir a favor de DI4M, dizendo a VI4M que DI4M “Fez sem querer”.

VI4M agarra areia e leva-a nas mãos para a ponte e atira-a para os pés de BJ3F que aí está, sem nenhum motivo aparente.

DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS AGRESSIVOS OBSERVADOS NO PARQUE DO JARDIM DE INFÂNCIA COM EQUIPAMENTOS MÓVEIS.

**Filme 1** – AS4M zanga-se com NL3M e ralha com ele por este não o deixar chutar a bola mas ambos conversam e resolvem o problema (Resolução de conflitos).

Depois AS4M anda pelo parque, sem saber que fazer sem a bola e acusa RI5M de a ter chutado para a rua e RI5M responde gritando “Vamos jogar a outra coisa”, e AS4M aceita e vão brincar (Resolução de conflitos).

**Filme 2** – Entre os quatro e os onze minutos AM5F empurra sistematicamente JC4M porque ambos querem o triciclo, gritam uns com os outros até que AM5F consegue o triciclo e senta-se nele a andar pelo parque.

Enquanto anda de triciclo pelo parque, AM5F faz troça de JC4M que também queria.

Quando AM5F anda de triciclo pelo parque, as crianças vão colocando-se á sua frente para lhe pedirem o triciclo, AM5F zangada puxa o braço de GI5M com força pois não a está a deixar andar.

Saí do triciclo e dá-o a outra criança, sem ser a JC4M que já lho pedia à algum tempo, gozando com ele. Anda pelo parque, conversando com a criança do triciclo, até que se senta novamente no mesmo voltando a troçar com JC4M. AM5F anda de triciclo, a fazer troça de JC4M que também quer andar, depois saí do triciclo e deixa que JE4F se sente impedindo JC4M de se sentar, troçando novamente dele.

Empurra JC4M quando este se senta no triciclo depois de discutir com JE4F, quando JC4M arranca AM5F provoca-o dizendo que vai fazer queixa à educadora, mas não vai e começa a andar atrás do triciclo a troçar com JC4M e empurra os amigos que querem a trotinete.

Entre os doze e os quinze minutos, AM5F anda de trotinete, como GI5M quer andar diz aos amigos para apanharem AM5F e estas fazem o que GI5M diz. AM5F zangada empurra-os fortemente por a estarem a agarrar e foge de trotinete pelo parque.

GI5M tenta novamente tirar a trotinete a AM5F e esta empurra-o para o chão, caindo da trotinete também, então AM5F arranha GI5M apertando-lhe a mão com força. Depois olha para GI5M que está no chão a chorar magoado e como JE4F o tenta ajudar, AM5F afasta-a, levando-a embora deixando GI5M sozinho.

Finalmente entre os dezanove e os vinte minutos AM5F está sentada no degrau a conversar com crianças mais pequenas e JC4M bate-lhe com o triciclo nas pernas, sem motivo algum aparente.

**Filme 3** – Por volta dos seis minutos VI4M tira o chapéu a GI5M, este zangado vai atrás dele tira-lhe o chapéu e atira-o para o chão, depois grita com VI4M por este imitar os seus sons.

Aos onze minutos GI5M grita com DI4M dizendo que ele não está a imitar bem o som dos animais.

Aos catorze minutos GI5M grita com PL5M quando este lhe toca no chapéu a jogar ao jogo do macaquinho do chinês, dizendo que GI5M se mexeu como GI5M não quer perder grita. Depois ralha com JL5M, porque quer ser o chefe e o JL5M diz que ele fez batota. Quando GI5M é o chefe do jogo do macaquinho do chinês empurra os amigos que não vão para trás no jogo do macaquinho do chinês, empurrando JE4F a ponto de esta cair para o chão. Entre os dezoito e os dezanove minutos GI5M ralha com RI5M impedindo-o de ser o líder do macaquinho do chinês.

**Filme 4** – JE4F entre os oito e os nove minutos empurra BS3M, porque ele lhe quer tirar a bola, como fica sem a bola, corre para junto de AM5F e ambas empurram-se e puxam pela bola. Quando JE4F lhe tira a bola, foge com ela na mão, indo para junto dos amigos que brincam às lagartas. Mas AM5F volta e arranca-lhe a bola.

Entre os nove e os dez minutos ocorre um comportamento de resolução de conflitos em que JE4F zangada por perder a bola, levanta-se e corre para agarrar outra gritando com uma menina mais pequena por esta querer a bola de volta que JE4F lhe arrancou das mãos, contudo JE4F depois devolve-lhe a bola.

Entre os dezasseis e os dezassete minutos JE4F está sentada no chão a observar os amigos, depois dá uma palmada a LE3F, porque esta está a saltar em cima da bola e a está a magoar.

Neste filme Aos 13-14 minutos num outro canto observo o AS4M, o PL5M e o GI5M, chutarem de propósito e com força a bola contra o DI4M, que se mostra desconfortável com a situação.

**Filme 5** – JC4M entre os cinco e os seis minutos, observa quem anda de triciclo depois pede ao AS4M que o deixe andar mas este ignora-o (Exclusão), contudo JC4M continua atrás dele até que desiste e vai buscar bolas pequenas.

Entre os treze e catorze minutos JC4M, corre pelo parque e arranca uma bola das mãos do BS3M, fugindo com ela, BS3M corre atrás dele gritando zangado.

JC4M agarra a bola que era do RI5M e este vai atrás dele, aperta-o e arranca-lhe a bola, JC4M chora e vai fazer queixa á educadora.

AS4M tira-lhe a bola e JC4M chora atrás dele, depois agarra a bola e vai ver o que os amigos estão a fazer, sentando-se a observá-los com a bola na mão.

**Filme 6** – JL5M entre os dezoito e dezanove minutos brinca com GI5M utilizando o carro de mão, depois anda pelo pátio ignorando ME5F que quer falar com ele.

**Filme 7** – MB5F observa os amigos discutir e tenta resolver o problema, conversando (resolução de conflitos). Senta-se no chão com as amigas a conversar depois de acalmar a discussão.

Quando brincam ao faz-de-conta MB5F, empurra BA3F por ela querer se a médica. Entre os dezoito e os dezanove minutos, anda pelo parque sozinha, olhando para os amigos, tentando participar nas brincadeiras, mas como ninguém lhe liga continua a andar e a observar. (Exclusão).

**Filme 8** – PL5M aos 2:36, conversa com amigos dando-lhes ordens, diz a dois amigos que são aranhas, AS4M não quer e PL5M empurra-o.

Entre os cinco e os sete minutos, grita com GI5M quando este quer mudar de jogo. Agarra uma bola e atira-a contra o AS4M e conversa com GI5M. Depois PL5M, agarra uma bola e atira-a contra o RI5M, fugindo enquanto este se queixa, depois PL5M tenta agarrar os braços ao RI5M.

PL5M finge lutar com RI5M e este tenta apanhá-lo correndo pelo parque, atiram bolas um ao outro. PL5M chuta uma bola contra o AS4M e dá sem motivo algum, uma palmada (11:24) na cabeça deste.

JL5M agarra PL5M porque este lhe tirou a bola, AS4M vem ajudar JL5M e PL5M dá-lhe pontapés e empurra-o para que ele o largue (14:12).

Entre os dezassete e os dezanove minutos PL5M tira a bola ao JL5M pela terceira vez e corre com ela enquanto JL5M se queixa á educadora. AS4M ajuda PL5M

e foge com ele pelo parque com a bola que JL5M tinha. JL5M zangado agarra PL5M e dá-lhe uma joelhada, mas PL5M foge e depois diz a RI5M para ir dar uma bola a JL5M.

Durante esta gravação observo o GI5M atirar uma bola com força contra a cabeça de JL5M (3:29). RI5M atira com uma bola a GI5M e este zangado empurra-o (4:46).

**Filme 9** – RI5M corre pelo pátio atrás dos amigos, anda sozinho observando os outros, brinca com uma bola. (Exclusão - 5:06).

Entre os catorze e os quinze minutos, RI5M afasta-se amuado por não concordarem com ele (Exclusão), então senta-se no chão a observar os amigos.

PL5M é o líder. RI5M anda sempre um pouco afastado e às vezes faz o que lhe dizem, outras vezes amua e afasta-se, mas acaba por voltar para junto dos amigos.

**Filme 10** – VI4M corre pelo parque com uma bola saltitona atrás do DI4M, batendo-lhe com a bola na cabeça. (0-1min)

Entre os quatro e os cinco minutos VI4M corre com a bola na mão e bate novamente na cabeça de DI4M. DI4M foge e VI4M vai atrás dele e bate-lhe novamente com a bola, fugindo de seguida.

Entre os dez e os catorze minutos VI4M, agarra uma bola saltitona e tenta bater com ela no PL5M mas falha, depois corre pelo parque, consegue, e bate com a bola na cabeça do PL5M, fugindo de seguida. VI4M agarra novamente uma bola e vai para bater no PL5M, mas este diz-lhe “VI4M és da minha equipa” e VI4M pára.

Mas depois VI4M continua e atira com uma bola ao PL5M, fazendo caretas e fugindo ao mesmo tempo. Novamente, VI4M agarra uma bola e atira-a contra PL5M, mais quatro vezes.

Nesta gravação, GI5M bate no NL3M no canto da sala, por causa de lhe atirarem com uma bola. RI5M empurra GI5M bruscamente sem nenhuma razão (21:39) que caí ao chão e chora magoado.

Depois GI5M chora porque RI5M lhe atirou uma bola com força na cabeça e o magoou (9:46).

